# ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

# CURSO DE POLÍTICA, ESTRATÉGIA E ALTA ADMINISTRAÇÃO DO EXÉRCITO ENSINO A DISTÂNCIA CPEAEx / EAD

**URACI CASTRO BONFIM** 

# GEOPOLÍTICA

# Sumário

Com	o estudar	. 5
0bje	tivos e Conteúdo	. 7
INTF	RODUÇÃO	. 9
1.	CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	10
2.1. 2.2.	ORIGENS E FUNDAMENTOS	15 20
3.	ESCOLAS DE PENSAMENTO GEOPOLÍTICO	27
4.1. 4.2. 4.3.	ELEMENTOS BÁSICOS DA GEOPOLÍTICA	32 34 38
5.1.	TEORIAS GEOPOLÍTICAS  Teorias Geopolíticas Clássicas  Teorias Geopolíticas Novas	56
6.	EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO GEOPOLÍTICO	92

#### Uraci Castro Bonfim

7.	SÍNTESE DO PENSAMENTO GEOPOLÍTICO	98
8.	CONCLUSÃO	101
9.	REFERÊNCIAS	103

## Como Estudar

Com esta publicação, tem início o estudo da Teoria Geopolítica, disciplina complexa e abrangente, tão importante para os governantes dos Estados-nação, como para os mais altos escalões das Forças Armadas.

É de suma importância o conhecimento dos fundamentos teóricos desta disciplina para se entender e melhor aplicar as expressões do poder nacional nas decisões políticas e militares de alto nível, a fim de se estar consoante com os interesses da nação em seu espaço geográfico.

Durante este estudo, deve-se procurar todo o tempo, com as devidas proporções, transportar as idéias aqui expostas para a atualidade, concluindo sobre a sua validade na conjuntura em que o mundo está vivendo.

O conteúdo desta publicação deverá ser o início do estudo desta disciplina, a critério do interesse de cada leitor. Como complementação, é solicitado um pequeno exercício prático de análise geopolítica.

# **Objetivos e Conteúdo**

## Objetivos .

- Analisar os fundamentos da Geopolítica.
- Analisar as principais teorias da Geopolítica.
- Analisar a relação entre o poder e os espaços geográficos.
- Analisar os principais aspectos da teoria das fronteiras.
- Interpretar os principais conceitos relacionados à teoria das fronteiras.

## Introdução

Esta disciplina pretende proporcionar um contato teórico inicial com este compartimento da Ciência Política, que estuda as ações dos Estados na aplicação do poder nacional em todas as suas expressões.

Tem como objetivos analisar a influência do espaço geográfico na política dos governantes quando da aplicação do poder do Estado com a finalidade de alcançar e manter os objetivos nacionais previstos; realçar a importância das características dos espaços geográficos na aplicação do poder; e estudar a geopolítica dos demais Estados para uma melhor inserção no contexto das nações.

Inicialmente, serão apresentadas considerações sobre poder do Estado, seguidas do estudo de suas origens e fundamentos.

Na seqüência, serão apresentadas, sinteticamente, as escolas de pensamento geopolítico e suas teorias, clássicas e contemporâneas, mais conhecidas e aceitas, seguidas por breve apresentação da evolução acompanhando a mudança do foco principal das ações políticas dos Estados no exercício do poder no contexto internacional, além de analisar-se sua efetividade na conjuntura mundial da atualidade.

A seguir, ter-se-á contato com uma síntese do pensamento qeopolítico brasileiro para se concluir a presente abordagem.

## 1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Desde a origem dos homens ao longo de sua evolução, como seres sociais que se agrupam para se apoiarem e se defenderem, objetivando a satisfação das suas necessidades naturais e psicológicas, encontra-se uma figura permanente: o poder.

Seja nas relações entre indivíduos ou grupos de pessoas ou, ainda, de sociedades complexas, ganhando sua maior expressão com a instituição jurídico-política do Estado, que a detém e em torno da qual o mundo sempre gira, está a figura do Poder. Para Bertrand Russel, "Poder é a capacidade de produzir os efeitos desejados por quem o detém".

Dentre as estruturas sociais organizadas, o Estado é a que detém o maior grau de poder, correspondendo a ele, portanto, o seguimento institucionalizado do Poder Nacional. Torna-se oportuno, então, mencionar o conceito de Poder Nacional, segundo a ESG:

"Poder Nacional é a capacidade que tem o conjunto dos homens e meios que constituem a Nação, atuando em conformidade com a vontade nacional, para alcançar os Objetivos Nacionais".

Apesar de ser uno, o Poder Nacional se faz representar por suas cinco expressões:

- Expressão Política;
- Expressão Econômica;
- Expressão Psicossocial;

- Expressão Militar;
- Expressão Científica e Tecnológica.

O exercício e a aplicação do poder se fazem por intermédio da Expressão Política do Poder Nacional, conceituada segundo a ESG como "a manifestação de natureza preponderantemente política do conjunto dos homens e dos meios que constituem o Poder Nacional, pelos quais se integra e se expressa a vontade do povo, de modo a identificar e a estabelecer os Objetivos Nacionais e orientar sua conquista e preservação". A política seria, ao mesmo tempo, uma ciência e uma arte: ciência quando interpreta os interesses e aspirações de um povo e arte quando identifica e estabelece os Objetivos Nacionais, cuja conquista e preservação orienta; é ainda entendida por Bismark como "a arte de tornar possível o que é necessário".

Para Koogan e Houaiss, "Política é a ciência do governo dos povos".

Outro conceito muito difundido é: "Política é a arte de organizar e governar um Estado e de dirigir suas ações, internas e externas em busca do bem comum".

Em um sentido mais prático e objetivo, pode-se conceituar como: "Política (ou o exercício do Poder) é a ciência e a arte de compatibilizar os contrários, de fazer convergir as divergências, de fazer conviver grupos antagônicos, de encontrar acertos no erro".

Política é a arte de organizar e governar um Estado e de dirigir suas ações, internas e externas em busca do bem comum. Meira Mattos, em sua obra "Geopolítica e Modernidade", cita o sociólogo francês Maurice Duverger, quando este afirma que "Política é Poder", referindo-se à prática, argumentando que quem não tem poder não pode perseguir objetivos políticos.

Apesar de possuir o poder decisório, a Expressão Política não é independente e onipotente. Necessita de condições econômicas e da capacidade militar para garantir a segurança soberana de suas ações. Podese concluir que, o valor e a convergência da Expressão Política, da Expressão Econômica e da Expressão Militar são os pilares dinâmicos do Poder Nacional no contexto mundial.

Também é oportuno lembrar que estudamos a Expressão Política quando analisamos seus fundamentos, fatores e órgãos/sistema dos fundamentos destacamos o povo, o território e as instituições políticas.

A potência e a capacidade destas Expressões do Poder Nacional dependem diretamente da população em função de sua formação histórica e cultural, interesse e aspirações, tradições, além da sua estruturação social, assim como de sua capacidade tecnológica. Ou seja, abaixo das três expressões mais dinâmicas para o exercício do Poder Nacional, existe uma plataforma de suporte que vem a ser a Expressão Psicossocial e a Expressão Científico-tecnológica, como ilustrado na figura esquemática a seguir.



Fig. 1. Esquema das Expressões do Poder Nacional

Como a Geopolítica é um estudo dos Estados em sua relação no contexto mundial, é também recomendável rever-se o conceito de centros de poder, como:

Países, grupos de países, organizações internacionais, multinacionais ou transnacionais, que atuam no cenário internacional como elementos de pressão em relação ao atendimento de seus interesses, influenciando ou participando de decisões significativas quanto a políticas e estratégias de nações ou das demais nações.

É oportuno, nestas considerações, relembrar o entendimento de Geoestratégia, para um melhor entendimento da importância da Geopolítica e sua relação com as estratégias adotadas pelos Estados, além de dirimir dúvidas expostas pelas várias interpretações, muitas vezes incorretas sobre o que realmente vem a ser.

Vimos que Política é a arte de fixar os objetivos pretendidos, preparar e aplicar o poder, para sua conquista e a manutenção, e que Estratégia é a arte de preparar e aplicar o poder, para a conquista e manutenção dos objetivos fixados pela Política. Quando a Política recebe influências geográficas na fixação dos seus objetivos, segundo Beckheuser e outros estudiosos do assunto, está-se tratando de Geopolítica. Da mes-

ma forma, quando a Estratégia no preparo e aplicação do poder, para conquistar e manter os objetivos fixados pela Política, recebe influência das condições geográficas, está-se tratando de Geoestratégia. Mafra, em "Doutrina de Ação Política", assim se exprime:

Estratégia é a arte de preparar e aplicar o poder, para a conquista e manutenção dos objetivos fixados pela Política. Uraci Castro Bonfim

"Geoestratégia é a arte de preparar e aplicar o poder para a conquista e a manutenção dos objetivos fixados pela Política, quando em decorrência das condições geográficas".

Feitas estas considerações preliminares, serão abordadas as origens e os fundamentos da Geopolítica.

## 2. ORIGENS E FUNDAMENTOS DA GEOPOLÍTICA

Ao longo da história da humanidade, tem sido uma constante por parte de estadistas, diplomatas, militares, filósofos, historiadores e geógrafos de todo o mundo, a interpretação das características e fenômenos dos espaços geográficos das regiões visando à formulação de soluções de caráter político para alcançar interesses específicos das nações ou dos Estados.

#### 2.1 Origens

Encontram-se escritos sobre o assunto de maneiras não sistematizadas elaboradas na Idade Antiga, principalmente na Grécia e em Roma (até 476 DC) por Heródoto, Hipócrates, Tucídides, Platão, Aristóteles, Lucrécio, Estrabão e Possidônio.

Pelas características isolacionistas e corporativistas, houve acentuada queda de interesse pelo assunto durante a Idade Média (até 1453); assim mesmo, encontram-se escritos de Marco Polo, Mandeville, Constantino VII, Marcelino e Alberto Magno sobre o assunto.

Durante a Idade Moderna (até 1789), Montesquieu, Maquiavel, Jean Bodin, Botero, Münster e outros escreveram sobre o tema, já relacionando os aspectos físicos da geografia com a organização dos Esta-

dos, com suas características culturais e econômicas. Já na Idade Contemporânea (após 1789), intensificaram-se os estudos a respeito, com observações de Humbolt, Ritter, Napoleão, Kant, Von Bullow, Friedrich List, Peschel e Friedrich Ratzel, este último o primeiro a elaborar estudos sistematizados sobre o assunto, valendo-lhe ser reconhecido como o precursor da Geopolítica como ciência. Posteriormente, surgem estudiosos como Brunhes, Haushofer, La Blache, Bowman, Vallaux, Mahan, Mackinder, Spykman, Roucek, Borden, Seversky e outros contemporâneos que se dedicaram ao estudo da Geopolítica, alguns chegando a estabelecer teorias que servem de base para se analisar as ações políticas dos Estados.

Conforme citado acima, foram os trabalhos e conceitos sobre a natureza política, geográfica e social do Estado, de Friedrich Ratzel, que serviram como base para o estabelecimento da Ciência Geopolítica, valendo o seu reconhecimento como o precursor desta nova e importante ciência.

Seu grande mérito foi aproveitar os estudos políticos, econômicos e humanos dentro de um espaço geográfico, valendo-se ainda da Histó-

É sobre o solo do Estado, espaço físico-político, que o homem exerce suas atividades, as quais, se enérgicas, predispõem ao crescimento; se débeis, predispõem ao seu enfraquecimento e até à extinção.

ria, estudando o passado e o momento atual dos Estados.

Friedrich Ratzel (1844 1904), natural da Alemanha e professor de Geografia em Munique e em Leipzig, criador da Antropogeografia, no desenvolvimento de seus estudos escreve a obra "Geografia Política", na qual considera o Estado como resultante do binário solo-homem; o homem influenciando o Estado através de sua cultura e da atividade política, enquanto o Estado permanece ligado ao solo, como um organismo vivo e, por isso mesmo, sujeito a leis biológicas inevitáveis.

É sobre o solo do Estado, espaço físico-político, que o homem exerce suas atividades, as quais, se enérgicas, predispõem ao crescimento; se débeis, predispõem ao seu enfraquecimento e até à extinção. Levando-se em conta a visão de poder da época, nota-se que o conceito ratzeliano pressupõe como crescimento do Estado, o crescimento do seu espaço físico em relação ao território original.

Este conceito justificaria, posteriormente, a política expansionista de Hitler, quando resolveu avançar nos territórios dos Estados vizinhos.

A essência da teoria do espaço vital (*lebensraum*) foi base de sua obra, intitulada "Os Estados Unidos da América" (1880). Nesse trabalho, são estudados os fundamentos do poder estatal exemplificados na hegemonia estadunidense no seio da família americana de nações. Essa teoria ganhou maior desenvolvimento e profundidade em Leis do Crescimento Territorial dos Estados Unidos (1896), ampliando ainda mais através das suas sete leis de expansão do Estado, na obra Geografia Política, publicada em 1897.

Com os seus conceitos, entre outros, Ratzel deixou dois pensamentos de alto grau de periculosidade:

- "O Estado é um organismo vivo";
- "Espaço é poder".

Baseado nessas premissas e conceitos, formulou as chamadas "Leis do Crescimento dos Estados", também conhecidas como "Leis dos Espaços Crescentes", inspiradoras de outras leis básicas da Geopolítica, que serão apresentadas.

Rudolf Kjëllén (1846–1922), natural da Suécia, professor na Universidade de Gotemburgo, foi, além do criador do termo "Geopolítica", o responsável pelo reconhecimento da autonomia do seu estudo, elevando-a à categoria de ciência aplicada e continuada por seus seguidores. Impressionado pelas teorias de Ratzel, sobre a natureza orgânica dos Estados, abandonou a orientação jurídico-filosófica que até então predominava no estudo da Ciência Política, passando a analisar o fenômeno do Estado por processos rigorosamente científicos, nos moldes usados pelas ciências físicas, naturais e sociais. Passou a analisar o Estado em sua estrutura mais íntima, sob o ponto de vista jurídico, social e econômico, procurando em aspectos tangíveis as bases em que o mesmo se fundamenta.

Para Kjëllén, não é possível analisar o Estado somente sob o aspecto jurídico e subsidiariamente enriquecido das contribuições da sociologia e da economia. Era necessário analisá-lo com visão global, investigando com igual ênfase todos os fatores que o compõem. Dentro desse raciocínio, adotou um novo método de estudo da Política, analisando-a sob os seguintes aspectos:

- Geopolítica: determina a influência do solo (situação, valor do território ocupado) nos fenômenos políticos;
- Ecopolítica (atualmente Geoeconomia): influência dos fatores econômicos nos fenômenos políticos;
- Demopolítica: estudo do Estado como nação (povo);
- Cratopolítica: estuda a política do governo, como poder.

Além de criador e sistematizador dessa nova maneira de estudar o Estado, o arquiteto do novo ramo da Política, a Geopolítica, que estuda o Estado como fenômeno do espaço, portanto como país, *territorium* e

dominium, no livro "O Estado como forma de vida" (1918), concebeu o Estado como ser vivo, organicamente unido ao solo, em luta constante por maior espaço.

Introduziu, também, a idéia de Nacionalismo, que daria a expressão característica do Estado. Território e espaço passam a ser reabastecidos pelo misticismo com a inclusão do conceito Ainda segundo Kjëllén, a interpretação dos fenômenos políticos influenciados pelos fatores geográficos se daria sob três enfoques: Topolítica, Morfopolítica, Fisiopolítica.

de nacionalismo que, por sua ampla e sugestiva significação, pode alimentar as idéias de expansionismo.

Ainda segundo Kjëllén, a interpretação dos fenômenos políticos influenciados pelos fatores geográficos se daria sob três enfoques:

- Topolítica: influência da posição do espaço físico;
- Morfopolítica: influência da forma e da extensão do território;
- Fisiopolítica: influência das riquezas naturais contidas nesse espaço.

#### **COMENTÁRIOS:**

Verifica-se que as concepções criadoras da Ciência Geopolítica vão se antecipar, inspirar ou justificar o comportamento e a ordenação do mundo no século XX.

Políticas expansionistas, alianças, áreas de influência, políticas de "equilíbrio do poder", políticas de contenção, entre outras, vieram comprovar a veracidade daquelas idéias. Surgiram e ainda surgem várias "teorias geopolíticas", frutos dessa nova ciência, objetivando novos posicionamentos dos Estados no contexto mundial ou, ainda, estudos prospectivos e estabelecimento de cenários futuros, para formulação de geoestratégias.

#### 2.2. Fundamentos

Pelo exposto nas origens da Geopolítica, observa-se que os fundamentos iniciais e não sistematizados do pensamento geopolítico se baseiam no poder e nos espaços geográficos que os Estados ocupavam. Conclui-se, também, que a geopolítica se desenvolve em função da percepção do poder dos Estados e na relação entre os Estados do mundo,

logo, na procura do poder mundial.

Geopolítica se desenvolve em função da percepção do poder dos Estados e na relação entre os Estados do mundo, logo, na procura do poder mundial. A partir dos estudos de Ratzel e Kjëllén, foram elaboradas leis e postulados que se tornaram os fundamentos da Geopolítica.

As sete "Leis do Crescimento dos Estados" ou "Leis dos Espaços Crescentes", de Friedrich Ratzel, são:

- 1 A necessidade de espaço cresce com a cultura do Estado.
- 2 O crescimento do Estado segue outras manifestações do desenvolvimento do povo, devendo, necessariamente, preceder o desenvolvimento do próprio povo.
- 3 O crescimento do Estado manifesta-se pela adição de outros Estados, menores, dentro do processo de amalgamação.
- 4 A fronteira é o órgão periférico do Estado
- 5 Em seu crescimento, o Estado luta pela absorção das seções politicamente importantes.
- 6 O primeiro ímpeto para o crescimento territorial vem de outra civilização superior.
- 7 A tendência geral para a anexação territorial e amalgamação transmite o movimento de Estado para Estado e aumentando a sua intensidade.

Posteriormente, Ratzel elabora mais algumas leis complementando suas idéias iniciais, que são:

- a A área mundial está dividida em zonas de influência, dentro das quais cada Estado tem uma importância relativa, de acordo com seus aspectos particulares.
- b Os Estados encravados entre outros mais poderosos se vêem sempre no dilema de optar pela política de um deles.
- c A posição relativa ideal para um Estado é a de ser rodeado de outros de menor potencialidade; Estados fracos, vizinhos de Estados poderosos, correm o risco de cair na órbita de influência destes; Estados poderosos e vizinhos, mas de interesses opostos, criam ambiente de intranqüilidade, cuja solução, às vezes única, é a guerra..
- d Em casos típicos de excesso de população, os efeitos da pressão demográfica transpõem as fronteiras e penetram pelos vizinhos; é o efeito expansionista.

"Postulados" de Rudolf Kjëllén:

- a Estados vitalmente fortes, com áreas de soberania limitada, são dominados pelo categórico imperativo político de dilatar seus territórios, pela colonização, pela união com outros Estados ou pela conquista.
- b Aos Estados pequenos parece reservada,no mundo da política internacional, sorte idêntica à de povos primitivos no mundo da cultura; são repelidos para a periferia, mantidos em áreas marginais ou em zonas fronteiriças, ou desaparecem.
- c Quanto mais o mundo se organiza, mais os vastos espaços como Estados grandes, fazem sentir sua influência e, quanto maior o desenvolvimento dos grandes Estados, menor a importância dos pequenos.

Uraci Castro Bonfim

É importante lembrar que em todo esse período, o território era o grande símbolo do poder. Logo, essas leis e postulados serviram como justificativas para ações belicosas de vários governantes.

#### 2.3 Conceitos

Após um estudo sucinto sobre a origem da Geopolítica como ciência e sobre seus fundamentos iniciais, torna-se oportuno apresentar alguns dos diversos conceitos elaborados pelos estudiosos do assunto, ao longo dos tempos, proporcionando condições para análise comparativa entre as linhas de pensamento geopolítico existentes e para reflexões sobre sua evolução.

Seu precursor, Friedrich Ratzel, influenciado em seus estudos pelos fatores espaço ("raum" área ocupada por um Estado) e posição ("lage" situação geográfica), origem do termo "lebensraum" (espaço vital), adotado por Mackinder e Haushofer, estabeleceu duas premissas: "o Estado é um organismo vivo" e "espaço é poder". Essas premissas serviram de base para a elaboração dos primeiros princípios e leis da Geopolítica, mas não para conceituá-la.

Foi Rudolf Kjëllén, criador do vocábulo Geopolítica em 1899, que em uma conferência universitária, utilizou-o pela primeira vez e, posteriormente, em seu trabalho "O Estado como forma de vida", publicado em 1916, ocasião em que definiu: "Geopolítica é a ciência que estuda o Estado como organismo geográfico, isto é, como fenômeno localizado em certo reich". \*

<sup>\* &</sup>quot;Reich": palavra de difícil tradução em português, porque contém o sentido de solo político (território e tudo o que nele se encerra), isto é, o "dominium" propriamente dito, no sentido latino do vernáculo.

Dos diversos conceitos elaborados pelo renomado Instituto de Geopolítica de Munique (Alemanha), serão apresentados somente dois, por possuírem maior isenção científica e serem menos influenciados pelas ideologias radicais da época:

"Geopolítica é a ciência que estuda o Estado como organismo geográfico, isto é, como fenômeno localizado em certo reich".

"Geopolítica é a consciência geográfica do Estado".

"Geopolítica é a ciência das relações da terra com os processos políticos".

O general e geógrafo alemão Karl Haushofer, que impressionou Adolf Hitler por sua visão geopolítica, assim a conceituava: "Geopolítica é a ciência que trata da dependência dos fatos políticos em relação ao solo".

Mais tarde, em 1928, Haushofer, Obst, Lautensach e Otto Maull, quatro dos grandes geopolíticos da época, emitiram uma declaração conjunta na qual conceituaram: "Geopolítica é a ciência da vinculação geográfica dos acontecimentos políticos".

Para outro geopolítico Heinz Kloss, "Geopolítica é tanto ciência como política. É uma ciência política nacional".

O professor holandês naturalizado americano criador de uma das importantes teorias clássicas da Geopolítica, Nicholas John Spykman, assim conceitua: "A Geopolítica pode ser aplicada ao planejamento da segurança política de um país, em termos de seus fatores geográficos".

De acordo Hans Weigert, outro estudioso do assunto, "Geopolítica é a geografia aplicada à política de poder nacional e à sua estratégia, na paz e na guerra".

Mais recentemente, o coronel americano F. Cabaugh define: "Geopolítica é a ciência que combina geografia, história e política, com o objetivo de explicar e prever o comportamento das nações".

Concluindo esta série de conceitos, elaborados por expressivos estudiosos estrangeiros, não se poderia omitir o de Griffith Taylor, pela concepção muito atual, indicando nova tendência do assunto em pauta: "Geopolítica é o estudo dos mais relevantes aspectos da situação e dos recursos de um país, com vistas à determinação de sua posição relativa na política mundial".

Na sequência, serão apresentadas as concepções dos mais consistentes estudiosos brasileiros sobre o tema, de forma a se delinear o pensamento geopolítico no Brasil.

Segundo o professor Everardo Backheuser, considerado o precursor da Geopolítica brasileira com obras no final da década de 20 e um dos mais importantes geopolíticos brasileiros: "Geopolítica é a política feita em decorrência das condições geográficas".

O general Mário Travassos, em sua obra publicada em 1931, ocasião em que lança os fundamentos da Geopolítica brasileira define:

Geopolítica é um processo interpretativo dos fatos geográficos, em seus aspectos negativos e positivos, de cuja soma algébrica deve resultar um juízo da situação de um país, no momento considerado, não como um julgamento definitivo fruto de uma predestinação de caráter determinista e, muito menos, de uma forma de seleção coletiva, visando a objetivos políticos nem sempre confessáveis.

Na opinião do general Golbery do Couto e Silva, reconhecido como um marco no pensamento geopolítico nacional, mais direcionado para o desenvolvimento do Brasil:

Geopolítica é a fundamentação geográfica de linhas de ação políticas, quando não, por iniciativa, a proposição de diretrizes políticas formuladas à luz dos fatores geográficos, em particular de uma análise calcada, sobretudo, nos conceitos básicos de espaço e posição.

Para o general Carlos Meira Mattos, outro expoente da Geopolítica brasileira, com várias obras editadas sobre o assunto: "Geopolítica é a arte de aplicar a política nos espaços geográficos".

Finalizando esta série de conceitos de geopolíticos nacionais, de inegável valor e lucidez, a professora Therezinha de Castro assim se expressa:

Convertida na consciência geográfica do Estado, a Geopolítica pode prestar serviços às causas da guerra como também às da paz, desde que adequadamente formalizada. Poderá, assim, traçar metas para um bom governo fundamentando suas diretrizes no setor da integração, no aproveitamento sistemático de seu espaço e posição.

Concluída esta parte que versa sobre os conceitos de Geopolítica, serão apresentadas a seguir as escolas geopolíticas e as teorias geopolíticas consagradas na literatura.

#### **COMENTÁRIOS:**

É oportuno citar um dos comentários feitos por Yves Lacoste, respeitável geógrafo e geopolítico francês da atualidade, em obra publicada em 1988, para se ter idéia da complexidade, da tendência e da importância da Geopolítica: "Contrariamente às afirmações de certos grandes teóricos, uma situação geopolítica não é determinada, no essencial, por tal dado de geografia física, mas ela resulta da combinação de fatores bem mais numerosos, demográficos, econômicos, culturais, políticos, cada qual deles devendo ser visto na sua configuração espacial particular".

Nota-se perfeitamente nos diversos conceitos a constante de idéias fortes como: espaço, Estado, política e poder. Na evolução desses conceitos, percebe-se o crescimento de outros aspectos como economia, população e cultura, tornando gradativamente mais complexos e desafiantes os estudos da ciência Geopolítica.

## 3. ESCOLAS DE PENSAMENTO GEOPOLÍTICO

Quando se trata de um assunto tão complexo como a Geopolítica, que atiça a elaboração de pensamento e está sujeito às mais diversas interpretações, antagônicas ou não, é natural que se formem grupos de pensadores com visões similares e defendam o tronco comum das interpretações de cada grupo. Vamos conhecer os princípios.

Como não podia deixar de ser, os adeptos da nova ciência se aglutinam em torno de idéias e bases específicas semelhantes formando as escolas geopolíticas, que na atualidade, são três:

- -Escola Determinista (alemã);
- -Escola Possibilista (francesa);
- -Escola da Geopolítica Integralizada (mais moderna).

A título de ilustração, anteriormente, até os anos 50, existiam também três escolas: a da Paisagem Política (francesa), por somente observar, inventariar e analisar todos os elementos políticos da paisagem cultural e sua integração em configurações espaciais, tendo como seus seguidores Whittlesey e Hartshorne; a da Ecologia Política, também conhecida como Contemplativa, que estudava os ajustamentos políticos dos grupos sociais ao meio natural com interpretação geográfica das

relações internacionais, porém não propondo intervenções, tendo como seguidores White, Renner e Van Valkenburg; e, a Organicista, fundamentada nas idéias de Kjëlkén que estudava o organismo político e sua estrutura, com vistas à formulação de uma política espacial, tendo como seguidores Ratzel e Haushofer.

A primeira, por falta de dinamismo de seus seguidores, permitiu que alguns de seus estudiosos se juntassem à segunda, dando origem à Escola Possibilista, e a terceira, dos organicistas, deu origem à Escola Determinista.

### 3.1. Escola Determinista (alemã)

Também conhecida como Escola do Fatalismo Geográfico, teve início com as idéias de Ratzel e Kjëllén, sendo seguidores entre outros: Haushofer, Mahan e Sir Mackinder, todos criadores de teorias geopolíticas consagradas, que influenciaram decisivamente as justificativas das grandes conquistas por Hitler, no início da 2ª Grande Guerra.

Para esta escola, o ambiente físico exerce influência determinante na atividade humana, tendo como lema: "o homem é produto do meio".

#### Escola Determinista

Para esta escola, o ambiente físico exerce influência determinante na atividade humana, tendo como lema: "o homem é produto do meio".

Admite que o ambiente físico é fator preponderante, com influência marcante e irresistível na vida humana e, por extensão, o será na vida dos Estados. Por consequência, as características, as atividades e o destino dos homens e dos Estados estarão vinculados à localização e à extensão do território, assim como a altitude, fronteiras e outros aspectos geográficos.

#### 3.2. Escola Possibilista (francesa)

Surge a Escola Possibilista, que não aceita a sujeição do homem e do Estado, como entidade política orgânica, unicamente ao "fatalismo geográfi-

#### Escola Possibilista

Tem como lema: "a natureza propõe e o homem dispõe".

co", mas, também à unidade cultural e nacional, com suas atividades dirigidas pela consciência coletiva dos cidadãos, por possuírem capacidade de pensar e terem vontade própria. Para os defensores desta escola, o ambiente físico não exerce influência determinante na atividade humana, mas, sim, apresenta uma gama de possibilidades, cabendo ao homem escolher o seu destino, da mesma forma que ao Estado compete estabelecer as ações a adotar. Tem como lema: "a natureza propõe e o homem dispõe".

Não aceita, também, que a existência nacional seja fundamentada na luta por espaço geográfico e procura demonstrar a fraqueza desse conceito, apresentando exemplos de pequenos Estados que têm sobrevivido e contribuído significativamente para o desenvolvimento cultural, ao longo da história da humanidade. Seu expoente maior foi o francês Vidal de La Blache, que se declarou contrário ao determinismo geográfico, porém, admitiu, de certa forma, um determinismo geo-histórico. Teve como seguidores, dentre outros, os franceses Jean Brunhes, Camile Vallaux, Lucien Fébvre e o americano Isaiah Bowman.

#### 3.3. Escola da Geopolítica Integralizada (mais moderna)

Surge posteriormente, buscando integrar as idéias das duas escolas citadas e propondo uma posição intermediária, cuja idéia-força é: "o possibilismo age mas, não raro, em função de um determinismo".

## Escola da Geopolítica Integralizada

Surge propondo uma posição intermediária, cuja idéia-força é: "o possibilismo age mas, não raro, em função de um determinismo". Não tem posição extremada como as anteriores e defende a idéia de que se deve levar em conta, nas suas análises e projeções, não somente o homem, o território e as águas, mas, também, o espaço aéreo, de onde podem surgir ameaças com alto poder de destruição, causando graves transtornos ao Estado. Preconiza, ainda, considerar o desenvolvimento científico-tecnológico, o que

até então não havia sido considerado pelas escolas anteriores.

Como seus adeptos exponenciais, encontram-se: John Spykman e Alexandre Severky, criadores de teorias geopolíticas consagradas, e os estudiosos Joseph Roucek e William Borden, além de outros.

O geopolítico brasileiro coronel Francisco Ruas Santos, assim entende essa escola com perfeição: "o homem não é um autômato, sem determinação ou vontade própria. A liberdade é concedida ao homem à proporção que a ciência e a técnica avançam (possibilismo), embora tal liberdade seja, de certo modo, limitada pela natureza (determinismo)".

Após estas breves considerações sobre as escolas do pensamento geopolítico, serão apresentados elementos básicos de geopolítica, que serviram de suporte para os estudos geopolíticos dos Estados.

## 4. ELEMENTOS BÁSICOS DA GEOPOLÍTICA

No decorrer dos estudos e trabalhos relativos à Geopolítica, surgi-ram elementos que passaram a ser considerados básicos na definição da influência dos fatores geográficos nas análises e decisões políticas com relação ao poder do Estado no contexto mundial, assunto do próximo texto.

Com a evolução científico-tecnológica dos últimos anos e a complexidade das diversas variáveis que passaram a influir na aplicação do poder, elementos básicos tornaram-se importantes para uma análise geopolítica inicial dos Estados, mostrando a tendência de suas decisões.

Ficaram consagrados na literatura sobre o tema como elementos básicos da geopolítica:

- tendência dos Estados em face das condições geográficas;
  - forma dos territórios dos Estados;
- posição dos territórios dos Es-
- linha periférica do território dos Estados.

Elementos básicos da geopolítica:

- tendência dos Estados em face das condições geográficas;
- forma e posição dos territórios dos Estados; e
- linha periférica do território dos Estados.

Uraci Castro Bonfim

Para melhor entendimento desses elementos básicos, faremos sucintas considerações sobre cada um.

## 4.1. Tendência dos Estados em face das condições geográficas

Entenda-se como as melhores condições geográficas do Estado ou a sua tendência de possuí-las politicamente, facilitando suas relações com o restante do mundo:

#### Acesso à totalidade das bacias hidrográficas

Quando a bacia hidrográfica encontra-se totalmente no território de um Estado, ele possui, naturalmente, o domínio total dessa bacia. No entanto, quando a compartilha com Estados vizinhos, só o acesso lhe será garantido. Neste caso, se a nascente da bacia encontra-se em seu território, o Estado terá domínio sobre a mesma e procura-

Quando a bacia hidrográfica encontra-se totalmente no território de um Estado, ele possui, naturalmente, o domínio total dessa bacia.

rá acesso à foz para articular sua navegação fluvial com as rotas oceânicas. Se, a foz encontra-se em seu território, o Estado possui o seu domínio, porém, naturalmente procurará acesso às suas nascentes e aos rios formadores da bacia. Desta maneira, tem a vantagem quem possui o domínio da foz pela sua articulação natural com as rotas oceânicas. O compartilhamento de uma bacia hidrográfica, normalmente, se torna um potencial de atrito entre Estados vizinhos.

#### Posse de uma ou mais saídas para o mar

A saída para o oceano é de extrema importância para um Estado, pelo fato de proporcionar acesso às rotas oceânicas, fundamentais para o

A saída para o oceano é de extrema importância para um Estado, pelo fato de proporcionar acesso às rotas oceânicas.

seu maior desenvolvimento. Caso seja um Estado mediterrâneo, estará sempre dependente de um vizinho. Os Estados não se satisfazem com as saídas para o mar em um só sentido, normalmente procuram acesso também no sentido oposto, o que poderá ser obtido

através de ações políticas e pacíficas com Estados vizinhos, mediante "corredores de exportação". A situação ideal é a que o Estado possua acesso territorial aos mares opostos.

#### Acesso às costas opostas

O acesso às costas opostas contém alto grau de importância por facilitar a projeção pacífica do Estado aos seus confrontantes, através dessa fronteira sem grandes obstáculos, que são os mares. Desde a Antiguidade, a História constata a forte atração pelo domínio físico das costas opostas, o que na atualidade serve para facilitar as relações sócioeconômico-culturais entre os Estados.

#### Acesso às grandes rotas de suprimento marítimo

As grandes rotas marítimas de suprimento foram e ainda são altamente importantes para assegurar o progresso dos Estados e, por vezes, a própria existência de alguns. O acesso direto a essas rotas facilita a inserção do Estado no contexto mundial.

#### Estabelecimento de bases aéreas

Quanto mais bases aéreas tiverem os Estados, distribuídas pelo território, maior será sua condição de segurança e, principalmente, de desenvolvimento e integração de áreas distantes em seu espaço estatal.

Uraci Castro Bonfim

Com o desenvolvimento crescente das aeronaves no que se relaciona a velocidade e autonomia de vôo, não necessariamente se obriga à instalação de bases distantes, aliviando possíveis tensões que sua instalação possa provocar em vizinhos.

#### Forma e posição dos territórios dos Estados

Esses dois fatores geográficos exercem significativa influência nas decisões políticas dos Estados, tanto no aspecto econômico quanto no social, e, ainda, com relação à sua segurança, chegando a refletir até mesmo em suas relações internacionais.

#### 4.2. Formas dos territórios dos Estados

A forma do território de um Estado é o espaço geográfico que ocupa, limitado por suas fronteiras, existindo formas mais favoráveis à coe-

A forma do território de um Estado é o espaço geográfico que ocupa, limitado por suas fronteiras. são e à defesa, outras menos favoráveis e, outras, ainda, desfavoráveis, possibilitando cisão ou desarmonia, assim como dificultando a defesa.

Há dificuldade muito grande em se padronizar a classificação dos Estados pela sua forma, tendo em vista as

mais diversas formas territoriais existentes. Para facilitar esta identificação em seus estudos de Geopolítica, Renner estabelece quatro formas básicas, as quais devem enquadrar todos os Estados, ainda que por aproximação. É uma metodologia simples e plenamente aceita. São elas:

- compacta (Ex.: França, Espanha, Venezuela, Alemanha, Brasil);
- alongada (Ex.: Chile, Itália, Vietnã, EUA);
- recortada (Ex.: Grécia, Canadá, Suécia, Dinamarca);
- fragmentada (Ex.: Japão, Grã-Bretanha, Indonésia).

Renner estabelece quatro formas básicas, as quais devem enquadrar todos os Estados, ainda que por aproximação.

- compacta
- alongada
- recortada
- fragmentada

#### Forma compacta

Esta forma é a mais favorável à coesão do Estado pelo seu centripetismo cultural e político-administrativo; favorece, ainda, um crescimento econômico mais equilibrado pela maior facilidade no intercâmbio comercial interno, facilitado pela circulação interna; contém uma maior área concentrada dentro de um mesmo perímetro, além de suas fronteiras estarem tam-

bém relativamente equidistantes do centro, favorecendo suas ações de defesa.



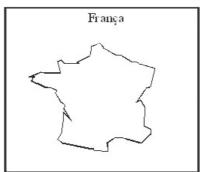


Fig. 2. - Exemplos de Estados com forma compacta

Fonte: Renner

#### Forma alongada

Quanto maior for o alongamento, maior será sua vulnerabilidade pela distância de seus pontos extremos. Esta forma possui duas direçoes básicas diferentes que proporcionam efeitos diversos. Uraci Castro Bonfim

A forma alongada na direção dos meridianos (norte-sul) normalmente possibilita a desarmonia pela antropologia cultural diferenciada, influenciada principalmente pelas características climáticas distintas, podendo ocasionar até antagonismos sociais e políticos. Além disso, suas extremidades (em relação ao maior eixo) criam dificuldades para a administração central. Economicamente, é favorável pela complementaridade da produção agrícola diversificada e, quanto à defesa, é muito vulnerável, podendo o território ser dividido nas suas partes mais estreitas.

A forma alongada na direção dos paralelos (leste-oeste) tem maiores possibilidades de manter a coesão, por não haver tanta diferença na sua antropologia cultural, diminuindo os riscos de desarmonias sociais e antagonismos políticos. Permanecem as vulnerabilidades apontadas na forma anterior no que diz respeito às dificuldades, apesar de menores, para a administração central e para a defesa.

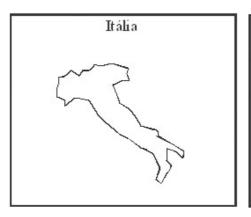




Fig. 3. - Exemplos de Estados com forma alongada (direções norte-sul e leste-oeste)

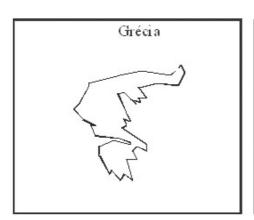
Fonte: Renner

#### Forma recortada

Esta forma também possui duas variantes que produzem efeitos diversos.

A forma recortada de Estados mediterrâneos, proporcionando reentrâncias penetrantes em seu território, facilita influências externas, podendo criar pólos de atração por parte de vizinhos e possibilitando áreas de desarmonia e antagonismos. Dificulta a coesão social e política, além de causar grande vulnerabilidade no que diz respeito à defesa de suas fronteiras.

A forma recortada de Estados litorâneos apresenta a vantagem de possibilitar a existência de vários portos marítimos em suas reentrâncias, facilitando as relações sócio-econômicas com outros Estados por meio da navegação de longo curso. Porém, apresenta grande desvantagem relacionada ao grau de vulnerabilidade para sua defesa territorial.



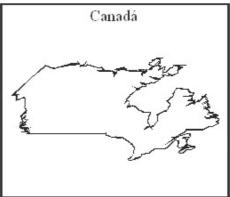


Fig. 4. - Exemplos de Estados com forma recortada

Fonte: Renner

#### Forma fragmentada

Dentre todas as formas de território esta é a mais desvantajosa, tanto no aspecto cultural, político e econômico quanto no administrativo, na defesa de sua unidade e de sua soberania. Essa descontinuidade territorial pode ser terrestre ou marítima. Na terrestre, há possibilidade da criação de enclaves, causadores de problemas por vezes insolúveis.



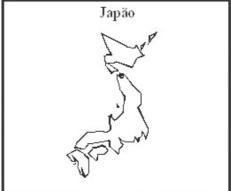


Fig. 5. Exemplos de Estados com forma fragmentada

Fonte: Renner

Concluindo, foram apresentados resumidamente aspectos quanto às formas territoriais dos Estados, a serem consideradas no processo da análise geopolítica, juntamente com outras variáveis.

#### 4.3. Posição dos territórios dos Estados

Quanto à posição do Estado, a Geopolítica não se prende somente à localização do seu espaço físico no planeta, definido por coordenadas geográficas, que acarretam *conseqüências* do ponto de vista climático, de habitabilidade e de recursos naturais, e até criando predestinações polê-

micas para os Estados. Leva em consideração também e principalmente sua situação no âmbito mundial, no espaço regional e no relacionamento inter-regional.

Por isso mesmo, a Geopolítica considera em seus estudos os seguintes aspectos:

A Geopolítica considera em seus estudos os seguintes aspectos: latitude ; continentalidade ou maritimidade; situação relativa aos Estados vizinhos; relevo

- a) latitude (suas coordenadas geográficas);
- b) continentalidade ou maritimidade (espaço sujeito à acessibilidade);
- c) situação relativa aos Estados vizinhos (esferas de influência ou pressões);
- d) relevo (formas de relevo).

Latitude – definida pelas coordenadas geográficas do espaço físico ocupado pelo Estado no planeta. Além das diversas teorias altamente polêmicas sobre as influências deterministas acerca do desenvolvimento ou não das sociedades humanas localizadas nesta ou naquela latitude, influenciando a habitabilidade e o potencial em recursos naturais, é importante se analisar a acessibilidade às rotas internacionais de tráfego marítimo e aéreo, principalmente em relação ao seu grau de dependência do comércio exterior, assim como a análise da proximidade ou não dos centros dinâmicos do poder, que dominam ou influem na conjuntura do Estado e do mundo.

Continentalidade ou maritimidade - é a relação entre a extensão da fronteira terrestre e a soma da extensão da fronteira terrestre com a extensão da fronteira marítima do Estado, gerando o quociente de continentalidade (QC).

Uraci Castro Bonfim

A continentalidade, ou seja, situação de mediterraneidade da base física de um Estado, será constatada quando o resultado for mais próximo de 1, chegando ao máximo de sua continentalidade quando o resultado for igual a 1, ou seja, que o Estado é totalmente mediterrâneo. Quando o resultado for igual a 0, encontramos o máximo de maritimidade.

Quanto maior for a continentalidade de um Estado, tanto menor será seu grau de liberdade, maior será sua dependência dos vizinhos; logo, tanto maior será a ameaça à sua soberania.

A maritimidade é dada também pelo cálculo inverso ao da continentalidade, ou seja:

Quando o resultado for igual a 1, ter-se-á a total maritimidade ou insular e quando for igual a 0, tem-se a continentalidade.

A maritimidade de um Estado é fator favorável ao intercâmbio social e econômico com o resto do mundo, proporcionando grande liberdade de movimento e fortalecendo sua soberania.

Com relação a este aspecto, os Estados podem ser classificados em:

- marítimos: quando há predominância de fronteiras litorâneas. Ex.: Japão, Inglaterra e Indonésia; Estados com o grau máximo de maritimidade (QM = 1).
- continentais: quando há predominância de fronteiras terrestres. Ex.:
   Suíça, Paraguai e Bolívia; Estados com o grau máximo de continentalidade (QC = 1).

- mistos: quando existem tanto fronteiras terrestres quanto marítimas. Seu quociente é que fornecerá a maior ou menor proporcionalidade de uma ou de outra. Ex.: Brasil, Estados Unidos, Argentina.

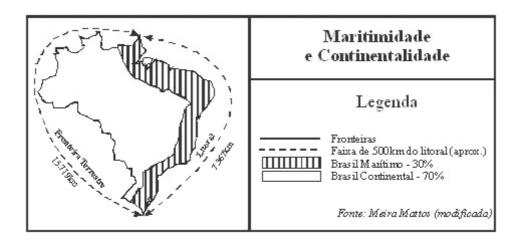


Fig. 6. Exemplo de continentalidade do Brasil

Situação relativa aos países vizinhos - é um aspecto muito importante na análise geopolítica do Estado, levando-se em conta o maior ou menor poder dos Estados vizinhos, pois possibilita: identificar as áreas de influência externa sobre o espaço continental; identificar as zonas de fricção atuais e latentes, podendo estimar ações ou reações necessárias; considerar o dinamismo da osmose fronteiriça e identificar e balizar as vias naturais de penetração. Deve-se levar em conta que Estados poderosos poderão exercer pressão sobre Estados vizinhos pequenos, atraindo-os para sua área de influência, principalmente mediante assinaturas de acordos ou alianças, chegando, por vezes, a pressões tão fortes que venham a ameaçar sua soberania. Torna-se evidente que esses aspectos são fundamentais para o planejamento de política externa aproximada.

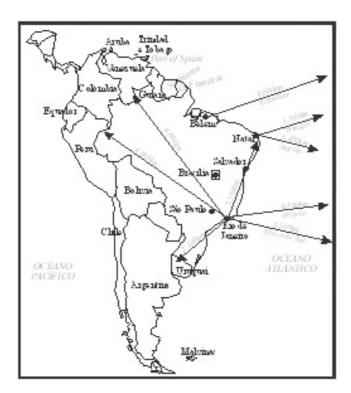


Fig. 7. Situação relativa dos Estados vizinhos do Brasil Fonte: ESG(modificado)

Relevo - este aspecto é também da maior importância na análise geopolítica de um Estado, tendo em vista que suas características determinarão as condições favoráveis ou desfavoráveis para as atividades humanas, determinando as possibilidades da atuação do homem sobre a terra e os possíveis fluxos de sua circulação.

As planícies e os planaltos sempre facilitaram a circulação humana e a exploração da terra, ou seja, favorecem as condições da vida humana. Já as montanhas, foram por muito tempo obstáculos ao desenvolvimento humano, tornando-se fator dispersivo da civilização por dificultar seu trânsito; na atualidade, com o avanço tecnológico, esta

dificuldade está muito atenuada. Exceção se faça a montanhas de grande elevação, que ainda oferecem limitações à vida animal e vegetal.

Os rios, consequentes das elevações, quando navegáveis, são excelentes meios de integração terra-mar, quando têm a foz no mar ou no oceano, e de integração interior, quando correm dentro do próprio território ou também em território de Estados vizinhos. Neste último caso, por vezes, podem ocasionar antagonismos e até conflitos.

Quando não navegáveis, apresentando quedas ou saltos, são valiosas fontes de energia elétrica, fator de crescimento econômico e desenvolvimento social.

Segundo Golbery, o espaço e a posição são essenciais para:

Um fator capital - a circulação - pois esta é que vincula os espaços políticos internos ou externos, que conquista, desperta e vitaliza o território, que canaliza as pressões e orienta as reações defensivas e que dá significação concreta à extensão, à forma e à situação.

## 4.4 Linha periférica do território dos Estados

Embora o assunto seja abrangente e apresente várias abordagens, aqui será feita apenas uma, sintética, de alguns conceitos, funções e tipos de fronteiras, para facilitar a análise geopolítica preliminar de um Estado.

A "linha periférica do território de um Estado", mais conhecida por fronteira, é a demarcação dos limites do Estado, sejam terrestres, marítimos ou aéreos, até onde o mesmo exerce sua soberania. Segundo Ratzel, em sua "Lei de Ratzel", também conhecida como "Lei da Fronteira-Faixa", "a faixa fronteiriça é o real, a linha é uma abstração, meramente simbólica".

Segundo Kjëllén, "a epiderme do Estado".

Já para Sieger, em sua "Lei de Sieger" ou "Lei da Artificialidade das Fronteiras", "as fronteiras, mesmo as chamadas naturais, são resultados de convenções (normalmente bilaterais) ou de imposição (unilaterais)", e ainda, "não há fronteiras naturais nem artificiais: todas são convencionais".

O Prof. Delgado de Carvalho entende que : "fronteira é obra de força política, indica o poder de expansão a que chegou o corpo social que envolve".

Finalmente, no entendimento de Meira Mattos, "a fronteira é o limite da soberania nacional", frisando, ainda, que: "as fronteiras são regiões geopoliticamente sensíveis".

Após os conceitos de fronteiras acima mencionados, serão apresentadas algumas considerações, dentre várias, sobre as funções, os tipos e a evolução das fronteiras.

## a) Funções das fronteiras

Vários estudiosos têm entendimentos diferentes sobre as funções das fronteiras. Porém, quase todos concordam que elas servem para: separar, unir, isolar, aproximar e proteger.

Da mesma forma que nos conceitos, vários estudiosos têm entendimentos diferentes sobre as funções das fronteiras. Porém, quase todos concordam que elas servem para: separar, unir, isolar, aproximar e proteger. Já Ratzel observava que "só o mar oferece as características de uma fronteira completa,

pois separa, protege, isola ou favorece o intercâmbio, conforme a conveniência". O geógrafo alemão Maull, em seus estudos sobre fronteiras, afirma que elas possuem as seguintes funções:

- distinguir o meu do teu, fundamentado no sentido de posse do ser humano, demonstrado pelas cercas e muros das propriedades;
- proteger o território nacional, objetivo principal do Estado: na paz, garantindo os seus interesses econômicos, políticos e sociais, através dos postos alfandegários, policiais e sanitários; na guerra, representando a linha ou faixa a ser defendida na preservação da inviolabilidade do território;
- isolar, quando necessário, evitando influências de seus vizinhos; e, facilitar o intercâmbio, quando conveniente aos seus propósitos.

Ainda fruto de seus estudos, distingue-as como de convergência, que facilitam o controle e a defesa, tais como: montanhas que conduzem a passagens obrigatórias ou rios caudalosos que restringem sua passagem a locais controláveis: e, de dispersão, abertas, sem obstáculos, que dificultam o controle e a defesa, como as planícies. Para Vallaux, "As fronteiras não servem apenas de meios de separação, mas também de interpenetração de culturas, interesses e objetivos diferentes". Final-

mente, na opinião de Jacques Ancel, "a fronteira separa mas também pode aproximar, quando se trata de países altamente civilizados".

## b) Tipos de fronteiras

Como nos demais assuntos de que trata a Geopolítica, a literatura sobre os tipos de fronteiras é muito vasta, segundo os vários dos estudiosos. No decorrer dos tempos observamos constante preocupação de se estabelecerem limites em linhas nitidamente identificadas, porém, nem sempre isto foi possível. No decorrer dos tempos observamos constante preocupação de se estabelecerem limites em linhas nitidamente identificadas, porém, nem sempre isto foi possível.

Na sequência, serão apresentados vários tipos de fronteiras sob diversos enfoques:

## Quanto à sua natureza

**Naturais** - são estabelecidas utilizando-se acidentes geográficos naturais, como:

- mar ou oceano tipo de fronteira ideal por ter a característica de separar, proteger, isolar ou unir, conforme os interesses; as dificuldades iniciais de seu estabelecimento, em vista da sua instabilidade física, foram superadas pela aceitação do conceito de águas territoriais, estendendo a soberania dos Estados além da costa, inicialmente por 3 milhas, visando somente aos interesses de defesa do território; posteriormente, por interesses de defesa e econômicos, o conceito de plataforma marítima ou plataforma continental, considerada um bem patrimonial da nação pela Convenção de Genebra de 1958, ampliou a soberania dos Estados até 200 metros de profundidade; baseado nesse conceito, alguns Estados ampliaram sua plataforma continental para 200 milhas, o que não conta com o consenso internacional; adotam esta nova extensão de soberania: Brasil, Chile, Argentina, Uruguai, Peru, Equador, Costa Rica, Salvador e Nicarágua;
- rios com o progresso da tecnologia, os rios que, no passado eram excelentes obstáculos ou separadores entre os Estados limítrofes, passaram a ser aproveitados para navegação mais intensa, abasteci-

mento de água das cidades, geração de energia e para irrigação das lavouras; em conseqüência dessas múltiplas utilizações, também passaram a ser de interesse dos Estados a que serviam de limites; surge o problema da soberania sobre os rios, que, inicialmente, foi resolvido mediante o estabelecimento de linhas convencionadas pelos vizinhos, de formas diferentes, criando antagonismos e atritos em várias oportunidades.

Com o passar dos tempos, alguns critérios foram consagrados em tratados internacionais e os principais mais aceitos atualmente são:

- limite em uma margem: nesse caso, o domínio do rio cabe a somente um dos Estados vizinhos; muito adotado, está se tornando cada vez mais raro, obviamente;
- limite de talvegue: este critério, mais adotado na atualidade, possui vários conceitos que de certa forma ainda dificultam seu estabelecimento, como:
  - linha de sondagem mais profunda na vazante;
  - canal principal do rio de maior profundidade e mais fácil e franca navegação (Brasil-Paraguai);
  - linha de nível mais baixo no leito do rio em toda a sua extensão (Brasil-Guiana).

O limite de talvegue permite o condomínio das águas para a navegação e sua exploração dentro do estabelecido nos tratados. Existem vários inconvenientes na escolha do talvegue. Os principais são: a determinação do canal mais profundo em trechos onde existe mais de um canal; a instabilidade dos canais mais profundos em face da acumulação de sedimentos no fundo dos leitos; e as ilhas formadoras de mais de um canal, que, pelo motivo anterior, podem ocasionar a mudança da linha de talvegue, variando a soberania dos Estados sobre as mesmas. Para evitar esses inconvenientes, possíveis causadores de atritos, é aconselhável a inclusão de cláusulas sobre a instabilidade da linha de fronteira, quando da assinatura do tratado. Vejamos as principais:

- linha média: lugar geométrico dos pontos equidistantes das margens; muitas vezes preferida por atender aos interesses dos Estados confrontantes; é mais visível do que o talvegue e divide a massa líquida ao meio; favorece o condomínio da navegação, porém, traz inconvenientes como: a modificação das margens pela erosão, alterando a linha média, agravado nos rios de planície, que, às vezes, mudam completamente o seu leito; e, no caso das ilhas, o problema de dupla soberania sobre elas ou a mudança de soberania pelo estreitamento de um dos canais.

As pontes e outros tipos de obras de arte que ligam dois Estados confrontantes devem ser objeto específico dos tratados, determinandose onde passa o limite entre eles e que critérios foram adotados.

- lagos sendo mares interiores, devem ser adotados os mesmos critérios utilizados para os rios, preferencialmente o da linha média; convencionou-se que, quando a largura do lago é superior a 6 milhas, cada Estado confrontante estenda a sua soberania até 3 milhas de sua margem, ficando o restante das águas em domínio comum.
- montanhas são consideradas ótimo tipo de fronteira, levando-se em conta que proporcionam condições vantajosas de isolamento e de defesa, apesar da evolução tecnológica dos dias de hoje; quando se utilizam as cadeias de montanhas e cordilheiras, por sua conformação estrutural, convergem a circulação pelos passos ou desfiladeiros, facilitando o controle aduaneiro e a defesa; prevalecem, no caso das montanhas, dois critérios no estabelecimento das linhas de fron-

A fronteira natural não é tão nítida e tão isenta de interpretações como se pode presumir. teira: a linha de picos, de difícil demarcação e a linha de divisão das vertentes ou a linha do "divortium aquarum" de mais fácil demarcação, além de assegurar que as nascentes de água fiquem na posse de um só Estado.

A fronteira natural não é tão nítida e tão isenta de interpretações como se pode presumir. Sempre existirá possibilidade de contestações, principalmente no que diz respeito às fronteiras das águas de rios e lagos, dado o potencial de seu aproveitamento múltiplo. A internacionalidade dos rios e lagos é reconhecida tanto quando separam dois Estados (internacionalismo contíguo), como quando cruzam sucessivamente o território de vários Estados (internacionalismo sucessivo).

Conforme afirmativa do geopolítico Backheuser: "as fronteiras naturais nunca satisfazem por completo".

• Artificiais: são estabelecidas através de linhas imaginárias, astronômicas e geodésicas ou matemáticas. As linhas imaginárias podem ser determinadas por processos de rastreamento de satélites como os do sistema NNSS ou pelos atuais GPS, que indicam as coordenadas geodésicas dos pontos ou marcos que identificam as referidas linhas. Sejam eles demarcados por processos de astronomia, por transporte de coordenadas de cadeias de triangulação ou polígonos existentes, no terreno, na

Artificiais: são estabelecidas através de linhas imaginárias, astronômicas e geodésicas ou matemáticas.

forma de marcos de concreto ou perfeitamente reconhecidos por acidentes naturais, esses marcos identificarão linhas que os ligam, criando o conceito de delimitação.

## Quanto à antropogeografia

São fronteiras estabelecidas pelos aspectos culturais homogêneos dos agrupamentos humanos (antropologia cultural), defendida por Ancel, como: língua, etnia, religião e cultura.

Na prática, a adoção da fronteira antropológica não dispensa o estabelecimento de uma linha de fronteira convencional, principalmente com a evolução dos meios de comunicações e da miscigenação das raças, tornando essa metodologia impraticável. Baseia-se no argumento de que, principalmente pela língua, distingue-se melhor "o meu do teu".

## Quanto ao grau de ocupação

As fronteiras podem ser classificadas em:

 ocupadas: quando a linha divisória é habitada. Se habitada no lado de um só Estado, é desfavorável ao que não possui habitante, por possibiliQuanto ao grau de ocupação As fronteiras podem ser classificadas em:

- ocupadas, vazias.

- tar a chamada invasão branca, afetando de certa forma a sua soberania, podendo ser uma área de atrito futuro; se for habitada nos dois lados, favorece as relações políticas, econômicas e culturais locais entre eles, porém, será potencialmente uma zona de fricção;
- vazias: quando a linha de fronteira não é habitada; haverá sempre nessa área um grau de vulnerabilidade com relação à defesa do território para ambos os Estados confrontantes.

## Quanto à situação jurídica

Segundo o jurista brasileiro Hildebrando Acioly, as fronteiras são:

- de jure - quando foram estabelecidas por um acordo entre as partes;

- em litígio quando a linha de fronteira é contestada por uma ou ambas as partes e encontra-se em processo de negociação;
- em conflito quando a linha de fronteira é contestada por uma ou ambas as partes, o processo de negociação está interrompido e existe um Estado de tensão entre elas.

## Quanto à legislação dos Estados modernos

Esta legislação adota a seguinte classificação de fronteiras:

- terrestres rios, lagos, ilhas fluviais, montanhas, cordilheiras e pontes;
- marítimas mar territorial (12 milhas)
  zona econômica exclusiva (+188 milhas, perfazendo
  200 milhas)
  plataforma continental (variável)
- aéreas espaço aéreo sobrejacente ao território e ao mar territorial.

## Quanto à estabilidade

- permanentes ou de qualidade como são consideradas as fronteiras
- flexíveis ou de movimento Consideradas todas as outras que surgiram ao longo da história.

## Quanto à proteção militar

São chamadas de fronteiras estratégicas, construídas próximo aos limites dos Estados.

## Quanto ao controle e à defesa

- de concentração da circulação - são como passagens obrigatórias em montanhas, pontes sobre rios, que facilitam o seu controle;

- de dispersão da circulação - são fronteiras abertas, sem obstáculos, como planícies e desertos, que dificultam o seu controle.

## c) Evolução das fronteiras

A noção de fronteira vem evoluindo através dos tempos, desde os

povos primitivos, quando os aglomerados humanos eram separados por grandes áreas vazias, até aproximadamente a Idade Média. Com o surgimento do Cristianismo, teve início o processo de ocupação dos espaços vazios pelos catequistas evangélicos propagando a fé cristã, alterando a noção de ocupação de terras desprezíveis do ponto de vista político na Europa, na África e na Ásia.

A noção de fronteira vem evoluindo através dos tempos, desde os povos primitivos, quando os aglomerados humanos eram separados por grandes áreas vazias, até aproximadamente a Idade Média.

Esse novo interesse foi ganhando proporções, principalmente no período dos descobrimentos, com a criação de novos impérios e a repartição dos territórios colonizados.

Muitos desses limites foram traçados por linhas astronômicas antes da ocupação dos territórios, as chamadas fronteiras traçadas "a priori", principalmente na África e na América.

Note-se que as fronteiras, anteriormente, eram grandes espaços vazios, passando a faixas de terras inicialmente desocupadas, até chegar às linhas de fronteiras definidas fisicamente por acordos bilaterais ou multilaterais, esses normalmente após conflitos.

Para os geógrafos franceses Brunhes e Valaux, segundo o estágio de evolução, as fronteiras classificam-se em:

- esboçadas são as fronteiras que não adquiriram características definitivas, pelo desinteresse ou desconhecimento dos Estados confrontantes, normalmente despovoados ou povoados por grupos sociais primitivos;
- vivas ou de tensão quando ligadas por interesses políticos, econômicos ou militares; normalmente povoadas com grande ou pequena intensidade;
- mortas quando perderam o interesse e entraram em decadência, normalmente com diminuição progressiva de seu povoamento.

Para Backheuser, com enfoque da evolução histórica, as fronteiras são:

- vazios do ecúmeno fronteiras primitivas;
- largas zonas inocupadas fronteiras desocupadas ou fracamente ocupadas, normalmente por pequenos grupos nativos;
- faixas inocupadas relativamente estreitas fronteiras-faixa, correspondendo a um povoamento progressivo do interior do Estado para os seus limites;
- fronteira-linha de um dos tipos apresentados anteriormente, já acordada entre as partes confrontantes, normalmente em fase de ocupação ou já ocupada.

Apesar de, na atualidade, muito se preconizar sobre a queda das fronteiras pelas tendências globalizantes, percebe-se que, efetivamente, apesar da formação de blocos de Estados, nenhum deles abre mão de sua base territorial como fundamento de preservação da soberania.

Uraci Castro Bonfim

Primeira atividade:

Você receberá, um pedido por e-mail, cuja solução deverá ser encaminhada ao CPEAEx/EAD.

# 5. TEORIAS GEOPOLÍTICAS

Para melhor compreensão das teorias geopolíticas, cabe relembrar o significado do vocábulo teoria.

O seu entendimento filosófico é o seguinte: "conjunto de conhecimentos não ingênuos, que apresentam graus diversos de sistematização e de credibilidade, e que se propõe a explicar, elucidar, interpretar ou unificar um dado domínio de fenômenos ou de acontecimentos que se oferecem à atividade prática".

Isto posto, pode-se identificar a validade das teorias geopolíticas, por tratar de conhecimentos reais, com credibilidade, buscando explicar, interpretar, elucidar ou unificar acontecimentos, objetivando uma atividade prática que é a política do Estado influenciada pelas condições dos espaços geográficos.

Pode-se reconhecer também as referidas teorias como cenários possíveis, que poderão ser concretizados, dependendo das ações políticas a serem realizadas pelos Estados.

As teorias geopolíticas serão expostas em dois blocos: o primeiro, com as teorias geopolíticas clássicas, elaboradas do início do Século XX até o final da Guerra Fria; o segundo, com as teorias (ou cenários) geopolíticas novas, elaboradas após a extinção da bipolaridade EUA X URSS.

## 5.1. Teorias Geopolíticas Clássicas

São as teorias geopolíticas elaboradas pelos estudiosos do assunto desde a primeira publicação de Ratzel sobre o assunto até o fim da bipolaridade mundial, com a desagregação da URSS, em 1990.

## 5.1.1. TEORIA DO PODER MARÍTIMO (1890)

Autor: almirante Alfred Thayer Mahan (americano)

Foi o primeiro geopolítico a reconhecer a importância dos mares na consecução da política nacional em seu livro "Influência do Poder Naval na História".

A idéia básica de sua teoria é que:

A terra é quase sempre um obstáculo, o mar quase todo uma planície aberta; uma nação capaz de controlar essa planície, por meio: do poderio naval, e que ao mesmo tempo consiga manter

uma grande marinha mercante, pode explorar as riquezas do mundo.

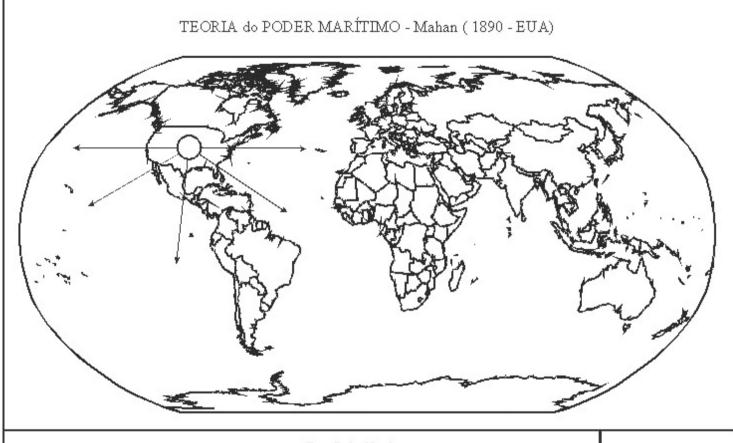
Para Mahan, o poder marítimo é elemento vital para o crescimento, a prosperidade e a segurança nacionais.

Para Mahan, o poder marítimo é elemento vital para o crescimento, a prosperidade e a segurança nacionais. Afirma, ainda, que:

O poder marítimo não é o sinônimo de poder naval, pois não compreende ape-

nas o potencial militar que, navegando, domina o oceano ou parte dele pela força das armas, mas também o comércio e a navegação pacífica que, de um modo vigoroso e natural, deram nascimento à esquadra e, graças a ela, repousam em segurança".

## 'TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLASSICAS"



DOMÍNIO DOS MARES:

Forte Poder Naval Grande Marinha Mercante Bases Navais, Estaleiros e Portos Eficientes

Elaboração Gráfica: Rafad A. R. de Fr Disentação: Usas Castro Bornfim

Forte: BOMFIM

Baseia sua teoria nos estudos de História reportando-se ao lema de Temístocles, o vencedor de Salamina – "aquele que comanda o mar, comanda todas as coisas" — e à afirmativa de Ratzel – "o mar era a fonte de todo o poder nacional". Reforça suas idéias com os sucessos em todas as guerras vencidas nos Séc. XVII e XVIII, tendo como cerne de suas teoria o poder de Portugal, do Oriente ao Ocidente, com sua colônias, desde o Séc. XIV. Assim como na Inglaterra, com suas 13 colônias. Ambos, com respeitável poder marítimo (atuante marinha mercante e forte poder naval), nos seus períodos de domínio.

Sintetiza sua teoria em 4 fatores que julgava de importância decisiva, expostos em "The Influence of the Sea upon History" (Boston: 1880):

- 1º Posicionamento e fisiopolítica (sem continentalidade);
- 2º Extensão territorial (posições estratégicas);
- 3º Aspectos psicossociais, população e caráter nacional (ligação vital com o mar ou com a terra);
- 4º Política de governo (voltado para o mar).

Em seu dogma, conclama a aproximação entre Inglaterra e EUA, pela identidade psicossocial comum de origem.

Construiu um cenário desejável para os EUA, com a formação de um respeitável poder marítimo, presente em todos os mares do mundo, com pontos de apoio em todos os continentes, para comércio e bases para sua armada, cenário este que seguramente proporcionaria "explorar as riquezas do mundo".

## 5.1.2. TEORIA DO PODER TERRESTRE (1904)

Autor: professor e geógrafo Sir Halford J. Mackinder (inglês)

Analisando o mapa mundi, ele observou que 75% das terras do Globo eram constituídas de Europa, Ásia e África; com cerca de 90% da população mundial, denominando esse conjunto de "Ilha do Mundo" e destacando-o como eixo central no hemisfério norte. Constatou, ainda, que as conquistas dos bárbaros para oeste e dos cossacos para leste partiram do centro-oriental, concebendo que no interior desse eixo, numa área central, se instalaria o poder terrestre. Denominou-se essa área de "Terra Central" ou "Terra Coração" (Heartland), autêntica área pivô da História. A seguir, deduziu que quem a controlasse dominaria a "Ilha do Mundo" e, como conseqüência, controlaria o mundo.

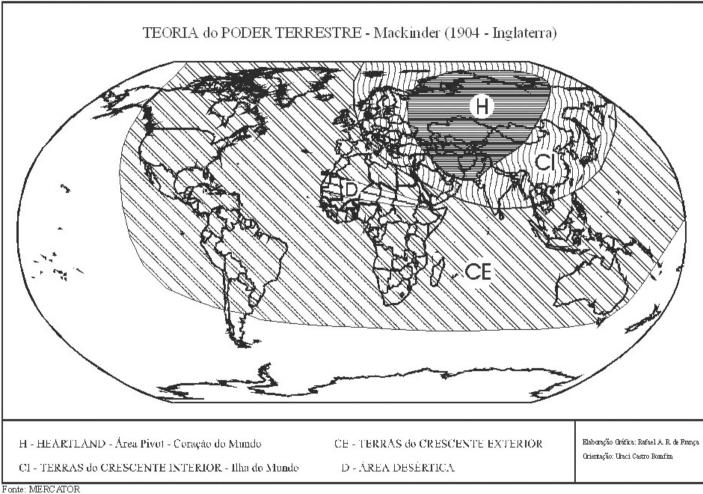
Isolado dos oceanos e com grande mobilidade, teria o poder terrestre, instalado no "heartland", a facilidade de se expandir na direção dos países posicionados nas extremidades costeiras, região que chamou de "crescente interno marginal", tendo nas extremidades do ocidente a Inglaterra e do oriente o Japão. Se associasse o poder terrestre a essas duas extremidades com potencial de poder marítimo, estaria assegurado o domínio do mundo e se poderia partir para o "arco exterior insular", a que chamou de "crescente externo insular", abrangendo a América e a Austrália.

Apresentou sua teoria em uma monografia intitulada "O Eixo Geográfico da História", na Real Sociedade Geográfica de Londres, em 1904.

Como presenciou, na 1ª Grande Guerra, o surgimento do poder aéreo e o resultado da 2ª Grande Guerra, teve tempo de complementar sua teoria sugerindo a união complementar entre Inglaterra e os EUA. Estabeleceu um novo conceito – o "Midland Ocean" –, centrado no Atlântico Norte.

TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS

TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS Figura 09



Sugeriu, então, a França como cabeça-de-ponte, a Inglaterra como aeródromo protegido e os EUA como reserva bem entrosada e com recursos agrícolas e industriais.

Suas idéias inspiraram Hitler durante a 2ª Grande Guerra, que, após a conquista da Europa Central, invadiu a Rússia rompendo o tratado bilateral de cooperação.

Estas idéias fundamentam a criação de Estados-tampões , com a finalidade de separar a Rússia da Alemanha, formando o chamado "Cordão Sanitário".

Ainda baseado nessa linha de raciocínio, inspirou, mais tarde, a elaboração de uma teoria geopolítica que daria origem à "estratégia de contenção", utilizada na Guerra Fria.

## 5.1.3. TEORIA DAS PAN-REGIÕES (1930)

Autor: general, professor e geógrafo Karl E. N. Haushofer (alemão)

Tendo como cerne de sua teoria as idéias difundidas por Kjëllén (a Europa liderada pela Alemanha, num espaço vital que se estendia da

Escandinávia à Turquia), dentro dos princípios da "fronteira orgânica" de Ratzel, chegou à conclusão de que a posição da Alemanha no centro da Europa era geoestrategicamente vulnerável, por se encontrar cercada de Estados dinâmicos tanto a leste quanto a oeste.

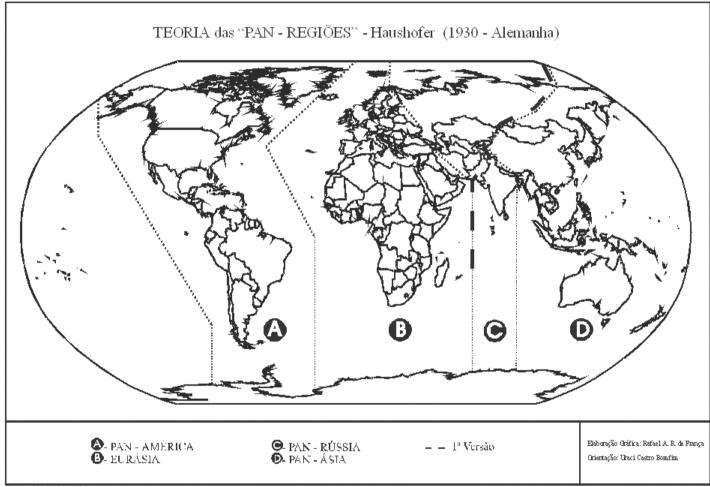
Haushofer chegou à conclusão de que a posição da Alemanha no centro da Europa era geoestrategicamente vulnerável, por se encontrar cercada de Estados dinâmicos tanto a leste quanto a oeste. Difundiu, em seus trabalhos, alguns pontos que considerava básicos para os Estados no contexto mundial:

- como um dos pontos básicos para as nações estaria a "autarquia", que seria a auto-suficiência nacional no sentido econômico, assim considerada pelos geopolíticos alemães da época;
- a idéia do "espaço vital" (*lebensraum*), como sendo o direito de um Estado ampliar o seu espaço geográfico visando ao desenvolvimento da sua população, nos campos econômico e cultural;
- outra idéia básica é a visão da situação de poder marítimo x poder terrestre, concluindo que: as bases marítimas diminuem sua segurança em relação ao Estado com controle de grande massa terrestre à sua retaguarda, pois poderia mediante forte ação terrestre, conquistá-la; e, ainda, que o poder marítimo não é eterno, pelo seu natural desgaste e pela dependência de território;
- finalmente, as fronteiras quando, explica: "as fronteiras são simplesmente a expressão das condições de poder político em um momento considerado". Na sua opinião, elas normalmente são grandes causadoras de conflitos, em decorrência de discordâncias entre os interesses políticos dos confrontantes.

Criou, então, a "Tese das Pan-Regiões" - conjugação dos espaços vitais na direção dos meridianos, em eixos norte-sul - envolvendo variada gama de recursos e mais apropriada à Alemanha pelo seu posicionamento vulnerável.

Seguindo a tese das "áreas geograficamente compensadas", os denominados "espaços vitais ativos", possuidores de indústria e tecnologia, instalados no norte, seriam liderados por um Estado. Em contrapartida, os "espaços vitais passivos", ao sul, seriam mantidos como simples fornecedores de matérias-primas, sem tecnologia, conformados a se manterem na mais estreita interdependência do norte.

# TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS



Fonte: HAUSHOFER

Haushofer concluiu que a conjugação dos espaços vitais em eixos na direção norte-sul seria bem mais propícia ao estabelecimento da paz, eliminando a tendência expansionista dos "Estados diretores" no sentido da lateralidade.

Assim, idealizou quatro pan-regiões:

- Euráfrica, composta por Europa Ocidental, África e Península Arábica, sob a liderança da Alemanha, podendo ser auxiliada pela Inglaterra;
- Pan-América, formada pelo Continente Americano mais a Groelândia, sob a liderança dos Estados Unidos;
- Pan-Rússia, formada pela URSS, subtraindo a Sibéria, mas compensando com a anexação da Índia, com uma saída para o "mar quente", o Índico, sonho desde os tempos de Pedro, o Grande;
- Pan-Ásia, abrangendo a parte oriental da Ásia, a Austrália e os demais arquipélagos e ilhas da área. Os japoneses optaram por chamála de "Zona de Co-Prosperidade Asiática".

Estava, portanto, o mundo repartido pelas grandes potências e estabelecido o princípio diferencial do eixo norte-sul.

Com a aceitação dessa instituição teórica de "espaços conjugados", surgiu a idéia de uma "nova ordem mundial". O neocolonialismo, regido pela multipolaridade de quatro "Estados diretores", proporcionava ações de anulação dos Estados do bloco, inicialmente no campo econômico e, na etapa seguinte, no campo político, minimizando gradativamente o conceito de soberania dos Estados, em nome de uma paz estável.

Tomando conhecimento desta concepção, Hitler tentaria implantála, fazendo aliança com a União Soviética na tentativa de evitar a entrada da Inglaterra e dos Estados Unidos na 2ª Grande Guerra. Fracassan-

Toynbee afirma que o destino dos povos está nas mãos de suas elites dirigentes e aceita a Geopolítica como conselheira e indicadora de soluções para essas elites.

do em seu intento, voltou-se para a implantação da "Teoria do Poder Terrestre", de Mackinder, com a qual também fracassou.

Diante das forças de influência da Europa e da Rússia, Haushofer vislumbrou a criação de uma barreira de Estados que classificou como "Cinturão do Diabo", definindo-a como um espaço

vital ocupado por países com mera aparência de soberania e independência, que serviria de área amortecedora entre esses dois pólos de poder.

A partir de 1945, a Europa se dividia geopoliticamente perante essas forças dando origem à "Cortina de Ferro".

## 5.1.4. TEORIA DO DESAFIO E RESPOSTA (1934)

Autor: sociólogo e historiador Arnold Toynbee (inglês)

Toynbee afirma que o destino dos povos está nas mãos de suas elites dirigentes e aceita a Geopolítica como conselheira e indicadora de soluções para essas elites.

Depois de analisar a trajetória de 21 civilizações, dos sumérios aos tempos modernos, conclui que as civilizações que aceitaram e venceram os desafios, traduzidos por obstáculos ou inferioridades, se afirmaram e se desenvolveram nos contextos em que estavam inseridas. E as civilizações que não aceitaram, ou não mais tiveram desafios a enfrentar, estagnaram, regrediram e até se desagregaram. Daí, estabelece sua teoria na obra "Um Estudo de História":

As inferioridades geográficas, os obstáculos, são desafios que se antepõem ao processo de afirmação das nações. Ou estas superam esses desafios e se afirmam, ou não os superam, e são condenadas à estagnação ou à desagregação".

## Afirma, ainda, que:

Após uma etapa de crescimento, algumas sociedades humanas entraram em colapso, pela perda do poder criador das minorias dirigentes que, à míngua de vitalidade, perdem a força mágica de influir sobre as massas não criadoras e de atraí-las.

Em seu estudo, quando se dedica à interação entre o homem e o ambiente físico, conclui que "a facilidade é inimiga da civilização" e que "o estímulo humano aumenta de força na razão direta da dificuldade".

Nesse estudo, divide os estímulos em duas classes:

- para o ambiente físico: as regiões ásperas e os solos novos;
- para o ambiente humano: os reveses, as pressões e as inferioridades.

Para corroborar com seu pensamento, entre outras citações, apresenta a afirmativa de Heródoto (424 a.C.): "terras férteis, homens indolentes; terras ásperas, homens duros".

Conclui-se que esta teoria, referente aos Estados, pode ser aplicada individualmente aos homens, na condução de suas vidas.

## 5.1.5. TEORIA DO PODER AÉREO (1921-1942)

Autores: general Giulio Douhet (italiano)

aviador Alexsander Seversky (russo naturalizado americano)

No momento em que a teoria do poder terrestre procurava se sobrepor à do poder marítimo, estourava a 1ª Grande Guerra, levando os estudiosos a procurarem aspectos geopolíticos mais globais no âmbito das relações internacionais.

Em 1921, o general italiano Douhet passou a difundir o emprego do avião como arma estratégica no ensaio "Il Dominio Dell'Aire, publicado em Roma. Nessa ocasião, afirmava que, mesmo diante da importância das forças de terra e do mar, em pouco tempo tão importante seria o domínio do ar. Preconizava o emprego do avião no interior dos países adversários, destruindo objetivos econômicos, sociais, políticos e militares, pois, além dos prejuízos materiais, abalaria a vontade de lutar do inimigo, facilitando a condução da guerra, com a seguinte afirmativa: "A arma aérea, a arma suprema, podia ela só irromper sobre os inimigo e obter a decisão, atacando em massa os centros vitais do adversário". Era o surgimento do conceito de "bombardeio estratégico", que viria reforçar a "guerra total", preconizada pelo general alemão Ludendorf, durante a 1ª Grande Guerra.

Defendia a idéia da conquista do domínio do ar, e só através dele poder-se-ia gozar da grande vantagem de toda a articulação do inimigo no terreno e no mar. Concluindo que "o Exército e a Marinha não devem por isso ver na Aeronáutica apenas um meio auxiliar e sim como um terceiro poder mais jovem, mas nem por isso menos importante na família guerreira".

Douhet difundiu com persistência suas novas idéias sobre a aplicação da nova arma, o avião, a ponto de modificar de maneira marcante a concepção estratégica de guerra e de provocar grande transformação na visão geopolítica do poder do Estado. Influenciou decisivamente na formação e no desenvolvimento do poder aéreo em vários Estados, principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos, com larga aplicação por ocasião da 2ª Grande Guerra, tornando-se o precursor da teoria do poder aéreo.

Teve como um dos mais fervorosos seguidores de suas idéias o coronel aviador americano William Mitchell, que participou da guerra comandando uma das maiores concentrações de aeronaves até então organizadas tendo sido, posteriormente, subchefe da aviação americana.

## (aviador) ALEXSANDER SEVERSKY

Natural da Rússia, foi aviador combatendo os alemães na 1ª Grande Guerra, chegando a chefe da aviação naval russa. Depois da Revolução Comunista, naturalizou-se cidadão americano onde foi aproveitado como construtor e piloto de prova, tendo em vista sua experiência anterior.

Com a produção dos poderosos aviões B-36 pelos Estados Unidos, com alcance de 5.000 milhas, Serversky observa que: "a guerra aérea transoceânica, inter-hemisférica é não somente possível, mas inevitável". Destaca, ainda:

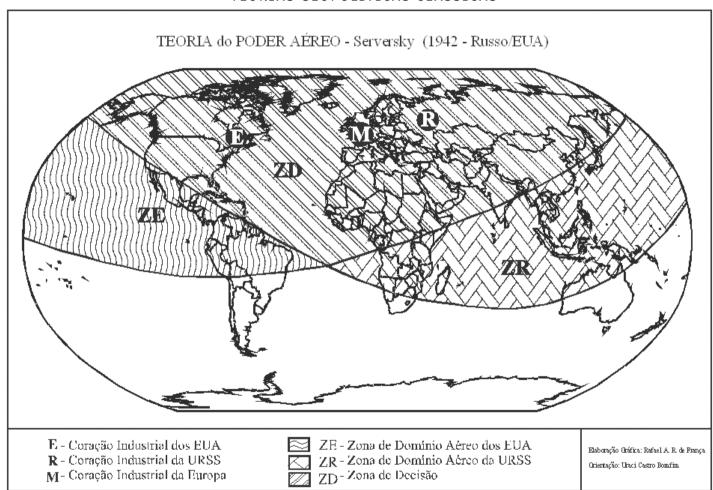
O B-36 é um exemplo de poder aéreo estratégico de longo alcance que revolucionará nossas idéias sobre estratégia militar. Tais aviões podem levantar vôo do nosso próprio continente e, sem necessidade de bases em ultramar, golpear quase em qualquer ponto do território de um inimigo europeu ou asiático, regressando em seguida".

Em sua obra "A Vitória pela Força Aérea", publicada em 1942, Seversky elabora um mapa de projeção azimutal equidistante, com centro no Pólo Norte, dividindo o mundo em duas grandes áreas de domínio aéreo:

-área de domínio aéreo dos EUA, centrada no seu coração industrial, com um raio de 5.000 milhas, cobrindo quase todo o continente americano, parte norte da África, Europa e grande parte da Ásia;

-área de domínio aéreo da URSS, centrado no coração industrial russo, também com um raio de 5.000 milhas, cobrindo toda a Eurásia, quase toda a África e a América do Norte até o sul do México.

# TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS



Fonte: SEVERSKY (modificada)

Observa que as duas áreas se sobrepunham em algumas regiões onde se forma a denominada "área de decisão", envolvendo praticamente todo o hemisfério norte, na qual, segundo Seversky, os EUA deveriam manter a o predomínio aéreo para sua segurança.

Estabelece, ainda, uma "área de suprimento" para cada uma das grandes potências tratadas, que seriam as áreas fora da área de domínio aéreo do opositor. A de apoio em alimentos e materiais estratégicos dos EUA seria a América do Sul; e a da URSS seria a África do Sul, conhecida como "área indecisa" e que, segundo a doutrina do general russo Gorshkov, poderia servir de trampolim para alcançar o Brasil e a Argentina.

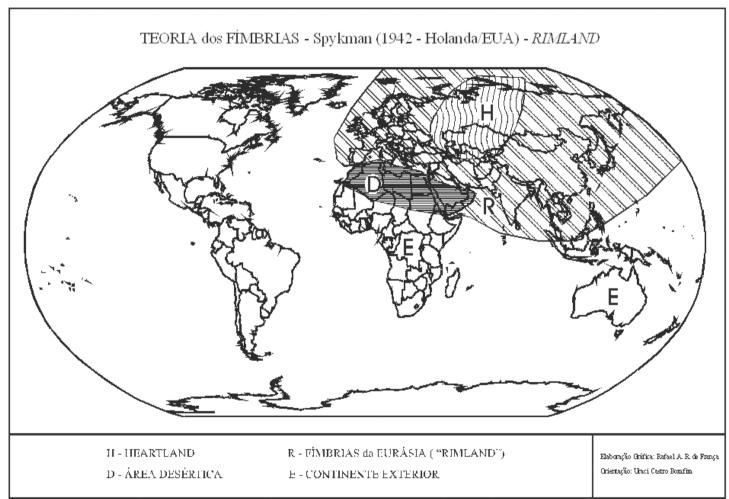
Esta teoria esteve presente ativamente durante todo o período da Guerra Fria, com os EUA mantendo o predomínio aéreo na "área de decisão", culminando com o "Projeto Guerra nas Estrelas". Viria, ainda, influir decisivamente no surgimento e no desenvolvimento da Escola da Geopolítica Integralizada.

## 5.1.6. TEORIA DAS FÍMBRIAS (1942)

Autor: professor Nicholas John Spykman (holandês naturalizado americano).

Doutor em filosofia e diretor do "Instituto de Relações Internacionais" de Yale, nos EUA, baseado na teoria do poder terrestre de Mackinder, que preconizava a idéia de que quem dominasse o "Coração da Terra" dominaria o mundo, imaginou que a única defesa possível contra essa possibilidade seria ocupando as bordas da "Ilha do Mundo", ou seja, as "fímbrias", que ele chamou de "Rimland".

# TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS



Uma vez ocupado o "Rimland" (fímbrias), não seria possível a expansão para a "Ilha do Mundo", por parte de quem ocupasse o "Coração da Terra" (Heartland). Consequentemente, não teria acesso ao resto do mundo, ou seja, o "Crescente Exterior ou Insular".

Baseado nessa teoria, após a ocupação do "Coração da Terra" pela URSS, o mundo ocidental passou a ocupar as "Fímbrias", com o objetivo de impedir a expansão do comunismo para o restante do globo. Estabelecendo acordos e tratados, materializou a conhecida "Geoestratégia da Contenção", durante todo o período da Guerra Fria, da seguinte forma:

- com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), ocupou as "fímbrias" do oeste europeu;
- com a Organização do Tratado do Centro (OTCEN), ocupou as "fímbrias" do centro-sul da Eurásia, com base no Irã;
- com a Organização do Tratado do Sudeste da Ásia (OTASE), ocupou o oeste da Ásia, com base no Japão.

Assim se presencia a aplicação efetiva dessa teoria geopolítica pelo mundo ocidental, criada em antagonismo à utilizada pela URSS.

Quando a "Geoestratégia de Contenção" começou a ser relegada, em virtude da desativação da OTCEN provocada pelo Irã dos aiatolás, e a OTASE se desmoronou com a queda do Vietnã, simultaneamente o expansionismo comunista sofreu grande perda com a desagregação da URSS.

## 5.1.7. TEORIA DO PODER PERCEPTÍVEL (1975)

Autor: coronel e professor Ray Cline (americano) Estabelecida a bipolaridade no mundo, tendo como pólos as su-

Fonte: ECEME

Uraci Castro Bonfim

perpotências EUA e URSS, surge a preocupação dos cientistas políticos e dos governantes no sentido de visualizar, com antecedência, as possíveis tendências do surgimento de outros Estados dispostos a participar da disputa pelo poder mundial.

Cria o "conceito politectônico", que define como "estruturação política", através de uma fórmula matemática que propõe determinar o potencial de poder dos Estados, em seu trabalho "Avaliação do Poder Mundial". Justifica o termo "conceito politectônico" afirmando que sua intenção:

Foi denotar a formação e o esfacelamento dos grupos internacionais de Poder, principalmente regionais, mas também conformados por forças culturais, políticas, econômicas e militares que determinam o equilíbrio verdadeiro das interrelações atuais das Nações.

Formula, assim, a Teoria do Poder Perceptível, que define como: a capacidade de um Estado de fazer a guerra e/ou de impor sua vontade no contexto político e econômico mundial.

Esse poder seria calculado para cada Estado pela fórmula:

$$PP = (C+E+M) \times (S+W)$$
 onde:

PP - Poder Perceptível

C - Massa crítica (população e território)

E - Capacidade econômica (economia, principalmente a capacidade industrial)

M - Capacidade militar (conjunto da expressão militar)

S - Objetivo estratégico (concepção estratégica)

W - Vontade de executar a estratégia militar (vontade política nacional)

Cada fator é submetido à análise de um grupo de pesquisadores, considerando:

- C Massa crítica: para território sua posição, extensão, e recursos naturais; para população efetivo, cultura e qualidade.
- E Capacidade econômica: produção industrial (quantidade e qualidade); nível de avanço tecnológico.
- M Capacidade militar: efetivo; adestramento das forças; indústria bélica; desdobramento estratégico.
  - S e W história do desempenho do país nos últimos 30 anos.

É interessante observar que há somatório e multiplicação de fatores mensuráveis e não mensuráveis.

Cline aplica sua fórmula por duas vezes para calcular o Poder Perceptível dos Estados. A primeira vez em 1975, publicada em 1978, e a segunda em 1978, publicada em 1980, com a seguinte classificação:

Estado	Poder Perceptivel	Estado	Poder Perceptivel
EUA	434	EUA	434
URSS	382	URSS	382
Brasil	98	China	139
Alemanha Ocidental	77	Brasil	98
Japão	77	Canadá	87

Tab. 1 Tabela com os resultados das pesquisas de Cline em 1978 e em 1980 Fonte: Terezinha de Castro

Os resultados demonstrados são excessivamente otimistas com relação ao Brasil, ou seja, capaz de impor sua vontade no contexto mundial. Apesar de reconhecida, esta teoria não detém bom grau de credibilidade por parte dos geopolíticos, em virtude de alguns critérios adotados pelo pesquisador e da complexidade de sua aplicação.

De qualquer forma, seus estudos se fundamentam no princípio geopolítico da dinâmica territorial, que se baseia:

- na presença, considerada a amplitude da área ou espaço, que poucos Estados possuem;
- no posicionamento, que qualquer Estado ocupa, independente de sua área estar em local que por qualquer razão se torna vital;
- na capacidade econômica, de difícil avaliação pela sua complexidade, que adotou o Produto Nacional Bruto – PNB - como indicador econômico, utilizando somente cinco fatores considerados por ele fundamentais, como: energia, minerais críticos, produção industrial, produção de alimentos e comércio exterior.

O general Meira Mattos sugere a inclusão de mais um elemento subjetivo, que seria P - Poder de Persuadir, que seria a força de persuasão ou capacidade de impor sua vontade dentro do contexto político e econômico.

### 5.2. Novas Teorias Geopolíticas

Houve grandes mudanças na organização mundial na última década do século XX, principalmente após a desagregação da URSS, com o fim da bipolarização e do conflito leste-oeste.

Com o fim da era da bipolaridade, desfeita em 1990, segundo Tocqueville, somente os EUA seriam uma efetiva potência mundial e, sendo candidatos em potencial: China, Brasil, Canadá, Austrália e Índia, estes dois últimos em 9º e 10º lugares na classificação de Cline. Esses países preeenchem as sete condições básicas que caracterizam as "nações emergentes" no âmbito das relações internacionais, segundo Terezinha de Castro, que são:

- 1 superfície territorial maior que 5 milhões de km<sup>2</sup>;
- 2 continentalidade territorial;
- 3 acesso direto e amplo ao oceano;
- 4 recursos naturais estratégicos essenciais;
- 5 população maior que 100 milhões de habitantes;
- 6 densidade demográfica maior que 10 hab./km<sup>2</sup>;
- 7 homogeneidade racial.

A partir do fim da bipolaridade e do início de uma possível multipolaridade, surgem os mais variados "cenários prospectivos" possíveis no mundo, fundamentados por uma gama enorme de estudiosos.

Dentre os vários conceitos de **cenário**, cita-se: "Conjunto formado pela descrição da situação futura de um sistema e de cadeia de acontecimentos que permite que se passe da situação presente à situação futura. Configura um

Um cenário se estrutura em:

 -um conjunto de variáveis representativas do sistema;

-um conjunto de atores;-uma trajetória.

conjunto coerente e plausível de acontecimentos, seriados e simultâneos, aos quais estão associados atores, pessoas, grupos e instituições".

Um cenário se estrutura em:

- -um conjunto de variáveis representativas do sistema;
  - -um conjunto de atores;
  - -uma trajetória.

Assim sendo, os cenários se constituem em teorias geopolíticas de vez que, além de atenderem aos requisitos de uma teoria, deixam claramente visíveis as condições geográficas embasando as decisões políticas que possibilitam atender.

#### 5.2.1. TEORIA DOS BLOCOS (1991)

Autor: conselheiro econômico Jacques Perruchan de Brochard (francês).

Em 1991, especialista em estratégia econômica e empresarial, Brochard apresenta sua "Teoria dos Blocos", também conhecida como "Teoria das Casas Comuns" ou das "Zonas Monetárias", em seu livro "A Miragem do Futuro", ocasião em que divide o mundo em quatro blocos, englobando Estados dos hemisférios norte e sul, cada um deles liderado preferencialmente por um ou mais Estados que compõem o grupo dos sete grandes (G7).

Em cada bloco, vigoraria a moeda dos Estados líderes, com o valor por eles controlado, os quais seriam também responsáveis pelo intercâmbio com os demais blocos.

Os Estados do sul, por serem mais pobres, forneceriam produtos

A composição dos blocos seria:

Federação das Américas Confederação Euroafricana União das Repúblicas Soberanas

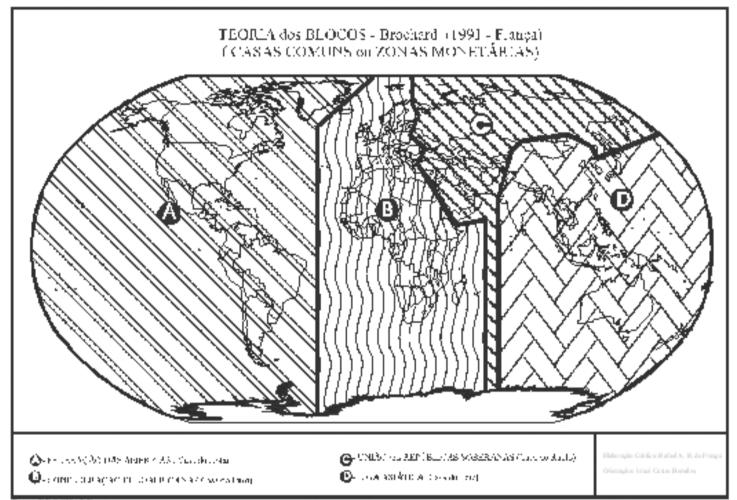
Liga Asiática

primários como alimento e as matérias-primas para a produção industrial dos Estados mais desenvolvidos do "Bloco" e absorveriam seus produtos industrializados.

A composição dos blocos seria:

-"Federação das Américas" ("Casa Comum do Dólar"), constituída pelos Estados do continente americano, sob

### TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS



a liderança dos EUA, instituindo como moeda comum o dólar azul e o dólar verde seria utilizado nas operações com os demais blocos;

-"Confederação Euroafricana" ("Casa Comum do Euro") abrangeria os Estados da Europa e da África, adotando como moeda comum o ECU (moeda da União Européia, atual Euro), sob a liderança dos quatro Estados componentes do G7, a saber, Grã-Bretanha, França, Alemanha e Itália;

- "União das Repúblicas Soberanas" ("Casa Comum do Rublo"), que englobaria os Estados da nova CEI (Rússia), Irã, Turquia, Iraque, Arábia Saudita e outros da região, sob a liderança da Rússia, tendo como moeda comum o rublo;
- "Liga Asiática" ("Casa Comum do Iene"), constituída pelos Estados do extremo oriente (Japão, Tigres Asiáticos, Austrália, outros da região, na expectativa de contar futuramente com a China), adotando como moeda comum o iene

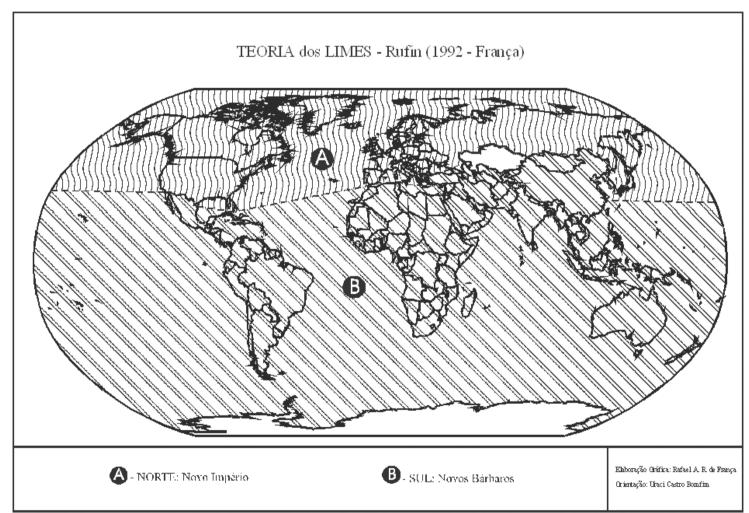
Nota-se perfeitamente que o autor preconiza esta divisão em blocos sob o enfoque econômico, mas fortemente influenciada pela divisão elaborada por Haushofer quando divide o mundo sob a ótica políticogeográfica em sua "Teoria das Pan-Regiões".

### 5.2.2. TEORIA DOS LIMES (1991)

Autor: adido cultural Jean Christophe Rufin (francês)

Especialista em relações norte-sul, apresentou sua teoria no livro "O Império e os Novos Bárbaros", editado em 1991, momento em que, conforme o autor, "o enfrentamento Leste-Oeste morreu e o enfrentamento Norte-Sul o substitui". Apresenta-se como opositora à adoção da "Teoria das Pan-Regiões", com grandes perspectivas de seu desenvolvi-

### TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS



Fonte: RUFIN

mento a partir do fim da bipolaridade, ressuscitando a ideologia da desigualdade e da assimetria.

Com o fim da bipolaridade, os Estados ricos não mais necessitam ajudar os Estados pobres do sul, como parceiros no contexto mundial, priorizando tratar dos seus próprios problemas e de seu desenvolvimento.

Em função da "nova ordem mundial", fundamentada na "multipolaridade", se caracteriza pelo fechamento do norte numa espécie de fortaleza que vem concorrendo para a instalação crescente de zonas de instabilidade. Essas zonas cruciais estão localizadas ao longo da chamada periferia da região norte mais desenvolvida, formando uma linha imaginária de confinamento dos "novos bárbaros". Estas zonas de contato, também conhecidas como "dobradiças", são utilizadas para a criação de Estados tampões ou de ações por parte dos "Estados diretores", objetivando barrar o acesso dos "novos bárbaros à "fortaleza" e a seus satélites imediatos.

A partir desse pensamento, Rufin elabora linhas de pensamento:

- sob o enfoque demopolítico, conter as hordas do sul para que não invadam o espaço privilegiado do Estado diretor e de seus satélites imediatos;
- sob o enfoque ecopolítico, projeta assistência aos "Estados tampões" que, apesar de serem do sul, encontram-se na linha limítrofe do norte. Portanto, usufruindo alguma assistência econômica e tendo assegurada a sua estabilidade, servem como um bloqueio à invasão do espaço privilegiado;
- sob o enfoque geoestratégico, aceitam-se nessa faixa limítrofe Estados totalitários desde que contribuam com a estabilidade da região, ou ainda, atacar um Estado, por motivos nem sempre confessáveis, para proteger o espaço privilegiado de possível infiltração bárbara.

Ainda segundo o autor dessa teoria, os problemas externos criados pelos "bárbaros" seriam resolvidos pelo "Império", utilizando qualquer meio que julgue necessário, enquanto os problemas internos ficariam por conta dos próprios "bárbaros", sob a supervisão do "Império".

Afirma, ainda, o autor que países da Europa Oriental e a própria Rússia deveriam receber ajuda financeira para acelerar seu desenvolvimento e se consolidarem no "Novo Império".

Exemplos de dobradiças: México, Haiti, Argélia e linha do Mediterrâneo, Oriente Médio, Irã, Mongólia e Coréia do Sul.

Exemplos de supervisão: Peru, Equador, Venezuela, Timor, etc.

#### 5.2.3. TEORIA DA INCERTEZA (1992)

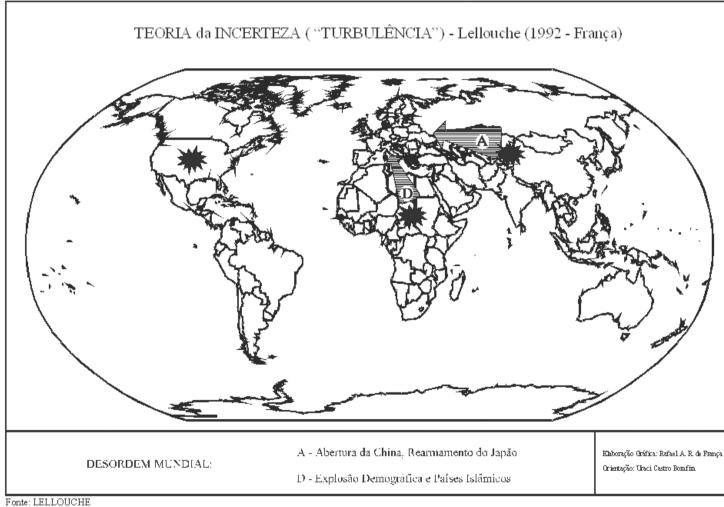
Autor: estrategista Pierre Lellouche (francês)

Esta teoria, também conhecida por "Teoria da Turbulência", é apresentada no livro "O Novo Mundo: da Ordem de Yalta à Desordem das Nações", em 1992, por Lellouche, construindo um cenário para o século XXI, após a desagregação da URSS, afirmando que não será implantada uma "nova ordem mundial", no sentido norte-sul, então preconizada pelos geopolíticos da época, e sim uma "desordem mundial" que pode durar até o ano de 2025.

Defende que essa "desordem mundial" será gerada por:

- instabilidades e possíveis revoluções a eclodirem nas antigas repúblicas soviéticas, ocasionadas pela pobreza e pela diversidade de grupos culturais na busca do poder regional;
- explosão demográfica nos Estados da África;
- distúrbios raciais e étnicos nos EUA (controlados);
- ameaça nuclear de países islâmicos do norte da África contra a Europa;

### TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS



- rearmamento do Japão;
- abertura da China à tecnologia e comercialização com o Japão e o ocidente.

Nesse contexto, não vê os EUA em condições de dominar e conduzir a "nova ordem mundial", proposta pelo desgaste provocado após a 2ª Grande Guerra e o período da Guerra Fria.

No cenário mundial que estabelece, não considera a América do Sul como "zona de turbulência" (incerteza), apesar das desigualdades internas, por ser relativamente protegida de grandes revoluções possíveis, como a África, o mundo islâmico e a região do Cáucaso. Acredita ainda que os Estados dessa região são perfeitamente administráveis.

Em seu livro, ainda faz menção ao Brasil, sugerindo que deve aproveitar esse período de turbulência para sair da estagnação sozinho (se necessário), com um grupo de Estados vizinhos (melhor) ou com todos os Estados da América do Sul.

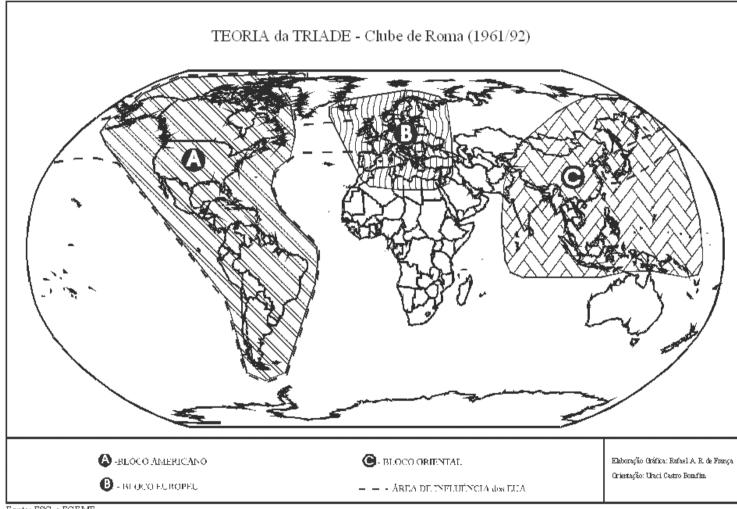
Cita, ainda, três fatos que considera importantes para esta região: a criação do Mercosul, principalmente se atrair outros Estados; tentativa de anulação do Mercosul pelos EUA com a criação da ALCA; e a busca de ligação da UE com o Mercosul, favorável a ambos os parceiros.

### 5.2.4. TEORIA DA TRÍADE (1961- 1992)

Autor: Clube de Roma

A elaboração deste cenário em 1961 surge das discussões e dos debates entre os componentes do então denominados "Clube de Roma" sobre a divisão do mundo em centros de poder, no exercício do domínio do mundo sem maiores riscos de conflitos, portanto, sobre o poder mundial mais "harmônico". Considerada inoportuna sua implantação,

### TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS



Fonte: ESG e ECEME

tendo em vista o desenrolar da Guerra Fria, decidiu-se esperar um momento mais propício para sua implementação. Esse grupo de Estados, na continuidade e com algumas modificações, transformou-se no atual "Grupo dos 7" (G-7).

Com pequenas modificações e adaptações à nova conjuntura, esta teoria divide o mundo em três grandes blocos:

- "Bloco Americano" compreende o continente americano, sob a liderança dos EUA. A economia dos Estados integrantes do bloco seria "dolarizada", suas forças armadas seriam reduzidas e suas missões constitucionais alteradas, de acordo com a política adotada pelo Estado líder do bloco;
- "Bloco Europeu" abrangendo a Europa, a Rússia (nova CEI), e os Estados do norte da África, sob liderança da Alemanha. A moeda forte seria o "marco alemão" (ainda não existia o Euro) e a defesa do bloco ficaria a cargo das forças conjuntas da União Européia.
- "Bloco Asiático" composto por Japão, China, Austrália, Índia, os Tigres Asiáticos e demais Estados da região; a moeda corrente seria o iene.

Todos os blocos ficariam sob a influência dos EUA, "líder do bloco ocidental e, agora, líder do mundo", segundo o Presidente Bush (pai) em seu discurso de abertura dos trabalhos do Congresso Americano, em 1992.

Nota-se que a configuração desses blocos se inspira na teoria das

TEORIA DA TRÍADE: Bloco Americano Bloco Europeu Bloco Asiático pan-regiões de Haushofer, no que diz respeito à divisão dos espaços geográficos e do poder político militar regional; de Brochard, na divisão do espaço econômico mundial e na adoção de moedas únicas para cada um dos blocos; e na de Rufin, o controle de áreas dobradiças como o nborte da África para impedir a invasão dos "bárbaros" do sul.

Não há a menor dúvida, analisando a situação mundial, que a partir do final do século XX se procura implementar esta teoria, por intermédio da diplomacia, da economia, e por vezes da, força.

### 5.2.5. TEORIA DO CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES (1993/96)

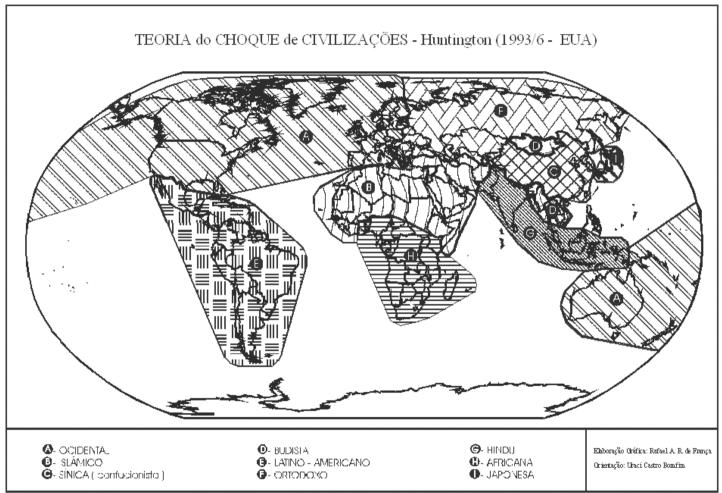
Autor: professor Samuel P. Huntington (americano)

O autor deste cenário, grande estudioso da história das civilizações, parte de um conceito sociológico de cultura, quando entende como "civilização, o mais alto e mais amplo nível de identificação de um indivíduo com os outros, em relação aos demais seres humanos".

Em função desses estudos, faz as seguintes considerações sobre conflitos e guerras no mundo:

- até a Revolução Francesa, os conflitos ocorreram entre os reis;
- com a criação dos Estados-nação até a 1ª Grande Guerra, os conflitos e guerras ocorreram entre nações;
- da 1ª Guerra Mundial até a 2ª Grande Guerra, eles ocorreram entre ideologias (comunistas x fascistas, na Guerra Civil Espanhola; democratas e comunistas x nazi-fascistas, na 2ª Guerra Mundial; democratas x comunistas, na Guerra Fria);
- após a Guerra Fria, prevê que as guerras dar-se-ão entre as civilizações. Com base nesse entendimento, Huntington passa a estudar as civilizações atuais e identifica nove civilizações, a saber:
- a) Ocidental compreende Europa Ocidental, América do Norte, Austrália e Nova Zelândia;
- b) Islâmica abrange os países mulçumanos do sul da Ásia e do norte da África;

### TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS



Fonte: HUNTING TON

- c) Sínica (Confucionismo) existente na China e no sudeste da Ásia;
- d) Budista compreende Mongólia, Nepal, Tailândia, Cambodja, Myanmar, Laos, Malásia e Bangladesh;
- e) Latino-americana engloba os Estados da América Latina;
- f) Ortodoxa centrada na Rússia, inclui os países balcânicos e eslavos;
- g) Hindu Índia e outros pequenos países próximos;
- h) Africana abrange países da África Central e Sul (o autor tem dúvida se realmente constituem uma civilização);
- i) Japonesa somente o Japão.

Esta classificação provocou uma série de protestos principalmente por europeus, em virtude da exclusão da América Latina como civilização ocidental, considerando uma posição potencialmente perigosa, tendo em vista sua colonização e sua cultura serem fundamentalmente originárias de Portugal e Espanha.

#### 5.2.6. TEORIA DO QUATERNO (1996)

Autor: coronel Roberto Machado de Oliveira Mafra (brasileiro)

O autor desta teoria, um dos mais competentes estudiosos da ciência geopolítica na atualidade brasileira, fundamenta sua elaboração na inferiorização atribuída ao Brasil e aos demais Estados da América Latina, em que essa região vem sendo tratada por lideranças mundiais e estudiosos como secundária.

Com este espírito, constrói um cenário para o século XXI, dividindo o mundo em quatro blocos e apresenta fatores que o justificam:

- Bloco Norte-Americano composto pelos Estados da América do Norte;
- Bloco Sul-Americano constituído, inicialmente, pelos Estados da América do sul e, posteriormente, pelos Estados da América Central, do Caribe e do México;

- Bloco Europeu abrangendo os Estados das Europas Ocidental e Oriental, da Rússia e do norte da África;
- Bloco Asiático composto pelos Estados do sudoeste da Ásia. Justificativas:
- criação do Mercosul;
- possibilidade de ingresso no Mercosul pelos demais Estados da América do Sul, já com demonstração de certo interesse por parte de alguns, formando um bloco econômico único;

TEORIA DO QUATERNO: o mundo em quatro blocos: Bloco Norte-Americano Bloco Sul-Americano Bloco Europeu Bloco Asiático.

- segregação da América Latina da "Civilização Ocidental", classificada como uma "civilização própria", contida na teoria de Huntington;
- manifestações da União Européia no sentido de estabelecer relações comerciais com o Mercosul, antes da implantação da ALCA;
- possibilidade de atração da África Atlântica para a área de atuação do Mercosul;
- necessidade de tratamento do bloco sul-americano como parceiro e não como eterna colônia econômica por parte dos demais blocos;
- possibilidade da concretização da "Teoria da Incerteza", de Lellouche, em trinta anos a partir de 1995.

Nota-se na estrutura desta teoria, com algumas modificações, uma forte influência da Teoria da Tríade, do Clube de Roma; da Teoria das Pan-Regiões de Haushofer, no que diz respeito à divisão dos espaços geográficos; da Teoria dos Limes, de Rufin; e da Teoria do Choque das Civilizações", de Huntington. Em relação a esta última, como contestatória.

## 6. EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO GEOPOLÍTICO

Desde a antigüidade, filósofos, sociólogos, militares, geógrafos e políticos, vêm-se preocupando com o fenômeno do poder aplicado aos espaços ocupados pelos grupos sociais, dando origem a idéias esparsas sobre o assunto, tema a ser desenvolvido neste texto.

A preocupação com o fenômeno do poder aplicado aos espaços ocupados pelos grupos sociais adquire características mais metódica, quando Ratzel estabelece suas "Leis do Crescimento dos Estados", justificando a expansão territorial dos Estados, fundamentado no conceito de que "espaço é poder", essência da Teoria do Espaço Vital (Lebensraum). Desperta a atenção de Kjëllén, criador da Geopolítica, que desenvolve o mesmo raciocínio sobre o espaço ser fundamental para a consolidação do poder, agregando considerações mais amplas sobre os aspectos da população, da economia e da política. Fortalecendo, ainda, a idéia do poder do Estado com a criação do Nacionalismo.

Surgem as teorias de Mahan, da expansão do domínio dos mares pela qual, os Estados aumentariam seu poder ao utilizar esse fácil acesso às riquezas terrestres de todo o mundo, implicando maior crescimento econômico. Leva em conta o posicionamento, a extensão territorial e os

aspectos da população e seu caráter nacional. Novamente ressalta-se o valor do espaço.

Segue-se a teoria de Mackinder, fortalecendo o espaço como fundamento do poder, que idealiza um território quase inexpugnável como foco irradiador do domínio do mundo, mediante uma atitude expansionista. Quem dominar o "Coração do Mundo" dominará seu entorno, a "Ilha do Mundo" como conseqüência dominará o mundo.

Após a 1ª Guerra Mundial, Haushofer, fundamentado na "autarquia", estabelece a "Teoria do Espaço Vital", estudando as possíveis pressões de Estados próximos, apresenta uma nova concepção expansionista de poder dos Estados, modificando o já tradicional eixo leste-oeste para o sentido norte-sul e criando as pan-regiões, nas quais os Estados ricos do norte exerceriam o poder sobre os pobres do sul.

Saindo desta linha de pensamento expansionista, surgem as idéias de Toynbee, nas quais permanece o espaço como elemento fundamental no crescimento ou no colapso das civilizações, agregado à reação ou não dos seus componentes humanos diante das dificuldades que se lhe apresentavam.

Com o advento do poder aéreo de Dowet e Seversky, o espaço geográfico permanece ainda como foco do poder do Estado, pois será visto como um instrumento facilitador e mais eficiente para o seu domínio. Foi largamente adotado por ocasião da 2ª Guerra Mundial, porém seu emprego é dependente do território apesar de já expandido pela tecnologia aérea.

Volta a possuir grande importância o espaço geográfico, na teoria de Spykman, quando utiliza as idéias do poder terrestre de Mackinder para desenvolver a antítese das Fímbrias, na qual preconiza a limitação da expansão do poder de quem detém o domínio do "Coração do Mun-

Com a desagregação da URSS, selando o fim da bipolaridade mundial, fazse necessária uma reorganização do mundo. do", no caso de se dominar as Fímbrias, ou seja, a "Ilha do Mundo". Teoria esta que fundamenta a criação da "Estratégia de Contenção", adotada durante a "Guerra Fria", no sentido de conter o expansionismo comunista.

Já com a preocupação quanto ao

poder dos Estados no século XXI, os cientistas procuram estabelecer métodos prospectivos, surgindo a Teoria de Cline, que, por sua complexidade de cálculo e até certa subjetividade de avaliação, não consegue a necessária aceitação por parte da comunidade técnico-científica dedicada ao assunto. Porém, de certa forma serviu de alerta com relação aos Estados potencialmente propensos a se tornarem potências mundiais no século em curso.

Com a desagregação da URSS, selando o fim da bipolaridade mundial, faz- se necessária uma reorganização do mundo. Com esta "nova ordem mundial", surge também a idéia de uma multipolarização que provoca grande mudança nas concepções da ciência geopolítica. A Geopolítica ganha com uma maior participação de pensadores e estudiosos das mais variadas formações profissionais, não mais ficando restrita a geógrafos, militares, políticos e alguns poucos filósofos.

Esta nova fase tem início a partir de 1991, com Brochard estabelecendo um cenário novo para o mundo, dividindo-o em quatro grandes blocos abrangendo Estados do norte e do sul, de maneira semelhante à divisão em "pan-regiões" de Haushofer, fundamentando sua tese no poder econômico dos Estados do norte como líderes em seus respectivos blocos e com a adoção de uma só moeda para cada um deles, normalmente a do Estado líder. Retornando com isso a idéia do eixo nortesul.

No mesmo ano, com crescimento das áreas de atrito entre o sul e o norte, provocada pelo distanciamento econômico e cultural entre os mais pobres do sul e os ricos do norte, como conseqüência da multipolaridade, aumenta o enfrentamento do eixo norte-sul, tendo em vista não haver mais a necessidade da manutenção das parcerias entre os ricos e os pobres, tão procurada e mantida durante a bipolaridade. Agora, os ricos tratam somente de seus problemas, apesar do discurso de um mundo gtlobalizado.

Segue-se a teoria de Lellouche, estabelecendo um cenário futuro de turbulência, baseado: na instabilidade sócio-econômica de Estados oriundos da antiga URSS; na explosão demográfica no Continente Africano; no aumento do poderio armamentista dos Estados islâmicos da África; no desenvolvimento da China; e no rearmamento do Japão. Esta teoria baseia-se predominantemente no desenvolvimento econômico e tecnológico, na expansão populacional e nos conflitos sócio-econômicos.

Apesar de não ser nova, a teoria elaborada pelo "Clube de Roma" é apresentada e tem início sua implementação com adaptações ao momento, reforçando o eixo de enfrentamento norte-sul, dividindo o mundo agora em três grandes blocos, cada um sob a liderança de um Estado rico do norte, porém, todos sob a influência da superpotência mundial, os EUA.

Uma outra visão, analisando o aspecto cultural das grandes civilizações, serve como base para o desenvolvimento da tese de Huntington, que, observando a história dos grandes conflitos ocorridos no mundo, estabelece um cenário em que os próximos conflitos serão regidos pelo choque entre uma ou mais das oito civilizações classificadas em seus estudos. O autor ainda segrega a América Latina da civilização ocidental, dando-lhe classificação independente, o que gera críticas de geopolíticos inclusive europeus.

A Geopolítica estrutura suas diretrizes em três poderes: real, latente, e prestígio. Já a Geoestratégia segue seu enfoque apoiada nos poderes: marítimo, terrestre, aéreo e aeroespacial. Finalmente, Mafra elabora a "Teoria do Quaterno", como uma não-aceitação à discriminação de Huntington, fundamentando a necessidade de o bloco sul-americano ser tratado como parceiro e não mais como uma colônia e ressaltando as possibilidades do crescimento deste bloco pela união de seus Estados, assim como de sua parceria com a UE e os Estados da África Atlântica.

Constata-se, assim, a evolução do pensamento geopolítico através dos tempos com uma dinâmica maior após o término da Guerra Fria, pela transformação de um mundo bipolar em um multipolar, em que o espaço ainda é importante, porém crescem as variáveis que vêm influenciar o poder dos Estados nas relações internacionais.

Após este resumo da evolução do pensamento geopolítico até o momento atual, dentro da "nova ordem mundial", observa-se que:

A Geopolítica estrutura suas diretrizes em três poderes:

- o Poder Real, aquele que o Estado dispões efetivamente no momento;
- o Poder Latente, o que o Estado possui em potencial, isto é, ainda sem sua utilização, mas possível de fazê-lo; se for considerável, provoca sua valorização no contexto mundial; e
- o Poder Prestígio, atribuído a um Estado pelos outros, em função da soma dos seus poderes real e latente.

Já a Geoestratégia segue seu enfoque apoiada nos poderes:

- -marítimo;
- -terrestre;
- -aéreo;
- -aeroespacial.

Ainda como conseqüência do fim da bipolaridade e a transição para a multipolaridade até o retorno de uma nova bipolaridade, como um fenômeno natural das sociedades e do poder, surge uma classificação designativa dos Estados, em que os mais desenvolvidos industrialmente passam a ser vistos como produtores ou transformadores, antes considerados ricos; e, no outro extremo, encontram-se os extratores ou pobres, substituindo a antiga alcunha de subdesenvolvidos, com a única tarefa de fornecer produtos naturais necessários às indústrias dos transformadores. Ocupando este grande espaço entre os opostos, interpõemse os "Estados perturbadores", que, como nações emergentes, vêm tentando romper o círculo vicioso do subdesenvolvimento, a duras penas, contrariando os interesses dos ricos.

Esquematicamente, é apresentado a seguir o quadro da atual classificação estrutural dos Estados elaborado pela professora Therezinha de Castro.

ESTRUTURA GERAL DAS NAÇÕES ATUALMENTE

	NAÇÕES	
RICAS	EMERGENTES	POBRES
PRODUTORAS	PERTURBAD ORAS	EXTRATORAS
1º NÍVEL DIRETRIZES DE ALCANCE MUNDIAL	2° NÍVEL COMBINA DIRETRIZES REGIONAIS E INTER-REGIONAIS	4º NÍVEL RELACIONAMENTO SIGNIFICATIVO COM OS VIZINHOS
	3° NÍVEL DIRETRIZES REGIONAIS	5º NÍVEL APENAS MARGINALMENTE SIGNIFICATIVO COM OUTROS ESTADOS
ESTÁGIO GEOPOLÍTICO DA MATURIDADE	ESTÁGIO GEOPOLÍTICO DA ADOLÊS CENCIA	ESTÁGIO GE OPOLÍTICO INFANTIL

Classificação da Prof.ª Therezinha de Castro

# 7. SÍNTESE DO PENSAMENTO GEOPOLÍTICO BRASILEIRO

Para realizar a síntese do pensamento geopolítico brasileiro, é válido o apoio na obra "Geopolítica e Modernidade - Geopolítica Brasileira", do geopolítico Gen. Meira Mattos, publicada em 2002, que realiza um belo e esclarecedor estudo sobre os predecessores e os geopolíticos brasileiros.

Os primeiros passos forma dados por José Bonifácio de Andrada e Silva, ao preconizar a interiorização da capital federal e a criação de um sistema de transportes terrestres convergente para essa nova capital, demonstrando o pensamento forte da integração territorial, seguido por Alberto Torres e Oliveira Viana, ao defender a necessidade de o governo ajustar sua política às realidades do País.

Dando continuidade, desponta o brilhante capitão Mário Travassos, que, preocupado com a elevação do Brasil à primeira potência do Continente Sul-Americano, apresenta projetos para uma política de transportes terrestres no interior do país, como os atualmente chamados "corredores de exportação" e outros visando a ligações com países vizinhos, como a ligação do Atlântico com o Pacífico pela transposição dos Andes. Previu, ainda, a importância da aviação nos transportes a longa distância e no transporte em sistemas intermodais. Tem seu foco principal na integração nacional e na interação e projeção nacionais no Continente.

Nesta época, ganha realce Backheuser, outro grande estudioso e conhecedor do assunto, preocupando-se com a articulação de uma geopolítica geral para o Brasil, apontando uma grande fraqueza na defesa de nossas fronteiras continentais com pequenos contingentes militares encarregados de vigiar grandes extensões. Entre outras propostas, sugere a criação dos territórios federais em nossas áreas lindeiras. Também voltado para a integração do território e sua defesa.

Na seqüência, o brigadeiro Lysias Rodrigues acompanha o processo de desenvolvimento do transporte aéreo e sugere sua inserção no sistema viário nacional. Propôs e presenciou o emprego da aviação nas regiões limítrofes a oeste e na Amazônia. Segue a linha dos anteriores no sentido da integração do território.

Nesta mesma época, a inteligência do general Golbery, outro grande conhecedor do assunto, destaca-se por sua visão geopolítica, que contribuiu com propostas objetivas no governo de Juscelino e na primeira fase dos governos militares. Suas indicações foram no sentido da rearticulação do território, visando a sua integração definitiva e ao desenvolvimento em todo o espaço nacional. Sua atenção maior era a imensa área interior, principalmente a Amazônica. No sentido da defesa, além desta estratégia, propôs uma sólida política de articulação diplomática objetivando uma forte aliança do hemisfério. Sua idéia forte foi a integração do território, a defesa e o prestígio nacional no continente.

General Golbery: sua atenção maior era a imensa área interior, principalmente a Amazônica.

A seguir, destaca-se a professora Therezinha de Castro, uma das grandes estudiosas e intelectuais da Geopolítica brasileira, que defendeu a necessidade de uma estratégia brasileira de presença ativa no Atlântico Sul; para Uraci Castro Bonfim

isso, a necessidade de o Brasil ocupar área na Antártica e a importância de possuir uma política de estreitas relações com os países do Cone Sul. Seguindo o pensamento geopolítico nacional, fundamenta suas idéias na integração do território, desenvolvendo com muita força o objetivo de prestígio no âmbito do continente.

Finalmente, é o general Meira Mattos, geopolítico brasileiro que volta-se, fundamentalmente, para o desenvolvimento sócio-econômico da Amazônia, objetivando a integração nacional; para a defesa do território, preconiza a ocupação física das fronteiras do norte do País e a manutenção de efetivos militares adestrados na Região Amazônica.

Em síntese, notam-se como eixo do pensamento geopolítico brasileiro as seguintes idéias-força: integração do território nacional; defesa da integridade do território nacional; estreito relacionamento com os demais Estados do continente, via diplomática, principalmente dos situados no "Cone Sul"; e ampliação do prestígio no âmbito continental.

### 8. CONCLUSÃO

Presente trabalho teve como objetivo possibilitar um rápido contato com os aspectos teóricos da Ciência Geopolítica, procurando motivar os leitores para um aprofundamento nos estudos deste assunto, pela sua importância e atualidade, além de proporcionar instrumental básico para o desenvolvimento de uma análise geopolítica, assim como fornecer subsídios para o acompanhamento da conjuntura mundial.

Foram apresentadas suas origens, fundamentos iniciais, vários conceitos e visões a partir das quais esta ciência se desenvolveu até os dias de hoje.

Foi exposta uma síntese das idéias básicas das Escolas de Pensamentos Geopolíticos da atualidade, agrupando seus estudiosos nas tendências de análise da aplicação do poder dos Estados em função dos seus espaços geográficos.

Na recordação dos Elementos Básicos da Geopolítica, ficou evidenciada a importância das características fisiográficas dos territórios, realçando sua forma e posição, além de outros aspectos que podem influenciar as políticas sociais, econômicas e de defesa dos Estados.

Com a apresentação das Teorias Geopolíticas, constata-se a evolução dos estudiosos sobre assunto tão complexo no planejamento dos Estados com relação a sua posição no contexto mundial.

Finalizando, também de maneira sintética, foi apresentado o pensamento geopolítico dos estudiosos brasileiros.

#### Uraci Castro Bonfim

Pode-se concluir que o estudo da Geopolítica é extremamente valioso para se estabelecer uma política nacional, definida para cada expressão do poder nacional, visando-se a conquistar ou manter os objetivos nacionais.

É um assunto muito amplo e complexo, necessitando de aprofundamento em seus estudos, para, mediante análises consistentes, estabelecer cenários futuros que venham servir de embasamento ao planejamento do Estado.

Mostra que é necessário levar em consideração as concepções geopolíticas dos demais Estados, principalmente as dos vizinhos e dos que se situam nos centros de poder.

É da maior importância para o Brasil que surjam muitos estudiosos e pensadores geopolíticos e geoestratégicos consistentes.

Segunda atividade:
Você receberá, um pedido por e-mail, cuja solução deverá ser encaminhada
ao CPEAEx/EAD.

## 9. REFERÊNCIAS

AZAMBUJA, Darcy. Introdução à ciência política. São Paulo: Globo, 1989,345 p.	
Teoria geral do Estado. São Paulo: Globo, 1993, 397 p.	
CARVALHO, Delgado. Relações internacionais. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1971,	
279 p.	
CHÂTELET, François. História das idéias políticas. Rio de Janeiro: Zahar, 2000,	
399 p.	
CASTRO, Therezinha. Geopolítica: princípios, meios e fins. Rio de Janeiro: BIBLIEx,	
1999, 389p.	
ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA. Subsídios para estudo dos Fundamentos Doutri-	
nários. Assuntos Específicos. Vol. II. Rio de Janeiro: ESG. 2000.	
LACOSTE, Yves. A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a Guerra. Cam-	
pinas: Papirus, 1988. 263 p.	
MAFRA, Roberto Machado de Oliveira. Geopolítica: introdução ao estudo. Rio de	
Janeiro: ECEME, 1999. 63 p.	
Geopolítica e geoestratégia. Rio de Janeiro: ECEME, 2003. 63 p.	
MATTOS, Carlos Meira. Brasil: geopolítica e destino. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1975.	
Geopolítica e as Projeções do Poder. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1977.	
147 p.	
Geopolítica e os Trópicos. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1984. 156 p.	
Geopolítica e modernidade. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2002. 156 P.	
RAFFESTIN, Claude. <i>Por uma geografia do poder</i> . São Paulo: Ática, 1993, 269 p.	
RUFIN, Jean-Christophe. O império e os novos bárbaros. Rio de Janeiro: BIBLIEx,	
1996. 220 p.	

#### Uraci Castro Bonfim

SARTORI, Giovanni. *A Política*. Brasília: UnB, 1997, 257 p. SILVA, Golbery do Couto. *Geopolítica do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

275 p.

TOSTA, Octávio. Teorias geopolíticas. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1984, 103 p.

VESENTINI, José William. Novas Geopolíticas. São Paulo: Contexto, 2000. 125 p.